

**CENTRO UNIVERSITÁRIO TABOSA DE ALMEIDA
ASCES / UNITA
BACHARELADO EM SERVIÇO SOCIAL**

WALDÊNIA VIRGÍNIA DA SILVA

**SEXUALIDADE NA TERCEIRA IDADE: O OLHAR DA SOCIEDADE
SOBRE O IDOSO**

CARUARU

2016

WALDÊNIA VIRGINIA DA SILVA

**SEXUALIDADE NA TERCEIRA IDADE: O OLHAR DA SOCIEDADE
SOBRE O IDOSO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade ASCES/UNITA, como requisito parcial para obtenção de grau de Bacharel em Serviço Social sob orientação da Profª Me. Fernanda Luma G. Barboza.

CARUARU

2016

WALDÊNIA VIRGINIA DA SILVA

**SEXUALIDADE NA TERCEIRA IDADE: O OLHAR DA SOCIEDADE
SOBRE O IDOSO**

Trabalho de conclusão de curso de graduação
apresentado a Faculdade ASCES / UNITA,
como requisito parcial para a obtenção do título
de Bacharel em Serviço Social.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a M^a. Fernanda Luma Guilherme Barboza

Primeiro Avaliador

Segundo Avaliador

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha família, pois sem ela eu não teria conseguido chegar até aqui, essa conquista só foi possível através da força e encorajamento deles.

Obrigada a todos pelo o apoio, incentivo e investimento que dedicaram a mim incondicionalmente durante toda a trajetória do curso para que eu pudesse concretizar esse sonho.

AGRADECIMENTOS

A princípio gostaria de agradecer a Deus, por ter me acompanhado durante esse trajeto, por ser meu porto seguro durante os momentos turbulentos, e por ter me dado a oportunidade de concluir mais essa etapa da minha vida.

À minha mãe, Vanesca Neves Cavalcante pelo esforço e sacrifício que sempre fez pra que eu pudesse ter esse sonho concretizado, por toda preocupação e carinho que sempre me deu durante toda essa trajetória, Mãe eu amo você!

Ao meu pai Valter Silva que infelizmente não está mais presente em corpo, mas continua presente em meu coração e sei que onde estiver ele olha por mim e tenho certeza que essa realização o faria muito orgulhoso e feliz.

À minha avó Maria de Lurdes por todo apoio e esforço que dedicou a mim, por acreditar que eu conseguira concluir esta etapa, e me fazer olhar para frente sempre.

Às minhas irmãs Ana Fabiola, Fábio, e Marianna Cavalcante pelo carinho e atenção que sempre me deu, pela paciência e apoio que dedicaram a mim.

À minha querida professora e orientadora Fernanda Luma por sempre me dar força e conselhos que foram cruciais nesse processo, por não me deixar desistir quando houveram momentos difíceis, por todo conhecimento, apoio, carinho e alegria direcionados a mim, durante todo o curso, por se fazer presente durante todo o processo de elaboração deste trabalho, pela partilha de conhecimento e admirável orientação.

Aos meus colegas de turma por todos os momentos vivenciados ao longo desses quatro anos, por todo conhecimento partilhado, por toda contribuição e estímulo e a cada um que teve um importante papel na concretização dessa etapa.

Aos docentes e coordenadoras do curso de Serviço Social, que contribuíram ricamente para a construção da minha formação profissional, pelo olhar diferenciado da realidade, pelo exemplo de profissionais, e partilha de experiências na atuação profissional, por se preocuparem de um jeito tão especial quando eu mais precisei.

Às minhas amigas, Ana Carolina e Ayanne Sanguineto por terem me compreendido nos piores momentos, por me fazerem acreditar no meu potencial, e por transformar essa caminhada até aqui, tão mais fácil, obrigada meninas.

RESUMO

Sexualidade na vida do idoso é um tema que não é frequentemente abordado e debatido especialmente porque ainda há muitos preconceitos e tabus em relação a essa temática, porém é um tema de extrema importância para uma boa qualidade de vida e saúde do idoso, pois envelhecer é um processo de várias etapas e afeta várias áreas da pessoa idosa: fisicamente, psicologicamente, socialmente, afeta a maneira como o mundo o vê e como ele vê o mundo. Dessa maneira, o objetivo da pesquisa foi compreender a visão da sociedade frente à sexualidade do idoso e o método utilizado na investigação foi a pesquisa qualitativa, de caráter investigativo, utilizado para fazer indagações sobre o olhar da sociedade sobre o idoso. Concluiu-se que ainda permanecem diversos tabus na sociedade que nos impede de olhar com mais atenção para essa temática, pois também é uma questão de saúde do idoso, e é preciso que cada vez mais a informação clara e aberta chegue a mais pessoas para que seja possível que haja menos preconceitos e negações acerca do tema, que seja possível olhar para a sexualidade na vida do idoso como algo natural que de fato é.

PALAVRAS-CHAVE: Sexualidade, Idoso, Sociedade, Qualidade de vida.

ABSTRACT

Sexuality in the life of the elderly is a subject that is not often approached and debated especially because there are still many prejudices and taboos in relation to this subject, but it is a subject of extreme importance for a good quality of life and health of the elderly, since aging is A multi-step process and affects several areas of the elderly person: physically, psychologically, socially, affects the way the world sees him and how he sees the world. Thus, the objective of the research was to understand the society's view of the sexuality of the elderly and the method used in the research was the qualitative research, of investigative character, used to make inquiries about the society's view on the elderly. It was concluded that there are still several taboos in society that prevent us from looking more closely at this issue, since it is also a health issue for the elderly, and it is necessary that more and more clear and open information reaches more people so that It is possible that there are fewer prejudices and negations about the subject, that it is possible to look at sexuality in the life of the elderly as something natural that it is.

KEY-WORDS: Sexuality, Elderly, Society, Quality of life.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
CAPÍTULO 1. ENVELHECIMENTO.....	11
CAPÍTULO 2. SEXUALIDADE.....	23
CAPITULO 3. CAMINHOS METODOLÓGICOS.....	35
3.1 METODOLOGIA.....	35
3.2 ARTIGOS.....	37
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	50
REFERÊNCIAS.....	52

INTRODUÇÃO

Esse trabalho teve como objetivo compreender a visão da sociedade frente à sexualidade do idoso. Nesse sentido apresenta como problema a seguinte indagação: Como a sociedade capitalista percebe e convive com a sexualidade da pessoa idosa?

A motivação para a escolha do tema emergiu com a inserção da autora no espaço acadêmico, que propicia a construção de um vasto repertório de conhecimento, dessa forma questões como a quebras de tabus e mitos sobre a sexualidade na terceira idade, particularmente, chamaram a atenção da autora, que articulando os conhecimentos empíricos da vivência ao projeto de extensão “Cidadania não se Aposenta¹” (Faculdade ASCES) e aos construídos no espaço acadêmico, possibilitaram fazer várias indagações que guiaram a escolha do tema em questão.

Destaco a relevância do tema que está fundamentada partindo de que o crescente e acentuado envelhecimento populacional é um dos grandes desafios sociais e de saúde pública atual, pois não há uma estruturação política, social e econômica preparada para acolher as demandas deste grupo de pessoas. As transformações nas políticas públicas se fazem indispensáveis nessa circunstância, com o objetivo de promover uma atenção integral à saúde e bem-estar social do idoso.

Sendo a sexualidade uma estrutura basilar do ser humano, insubordinada a idade, e que independe ou se restringe apenas ao ato sexual, tendo em vista que, expressa-se através da vinculação dos corpos, abarcando todos os sentidos, ampliando e abrangendo um conjunto de sentimentos, sensações, experiências e emoções, todos meios e modos que manifestam a busca pelo prazer. A sexualidade na terceira idade é um assunto pouco debatido e traz consigo uma vasta quantidade de preconceitos enraizados na sociedade, além de inibições e a classificação como o estereótipo de assexuado ou caracterizado como uma etapa da vida onde não se pode expressar desejo, querer e sentimento, provido de fatores e convenções

¹ O projeto atua na Faculdade ASCES/UNITA e Caruaru Prev, trabalhando atrelando prática e teoria, esclarecendo sobre o processo de envelhecimento com os idosos da cidade de Caruaru - PE, e é constituído pelos alunos dos cursos de enfermagem, serviço social, fisioterapia e educação física da Faculdade ASCES/UNITA.

socioculturais onde a vida sexual é exclusiva das parcelas mais jovens da sociedade.

Contrastando com essa teoria, um estudo realizado pelo Ministério da Saúde apresenta que 74% dos homens e 56% das mulheres casadas acima de 60 anos tem uma vida sexual ativa. O que se tem é que a constância e a veemência da atividade sexual se alteram no decorrer da vida por vários fatores, não sendo exclusivo da faixa etária a partir dos 60 anos. (BRASIL, 2006).

Sobre a divisão dos capítulos, no capítulo inicial é tratado o envelhecimento, o processo de envelhecer e também o histórico do envelhecer até os dias atuais, no segundo capítulo é abordado o tema da sexualidade, como é vista pelas sociedades através dos anos e como é vista na terceira idade, no último capítulo trarei a metodologia usada neste trabalho e também as discussões dos artigos científicos, utilizados para elaboração do estudo. Foi feita uma análise e discussão dos resultados de pesquisa encontrados.

CAPÍTULO 1. ENVELHECIMENTO

Este primeiro capítulo aborda o tema Envelhecimento, sua história através dos anos e culturas até os dias atuais, suas etapas e processos, e também o olhar da sociedade sobre aqueles que estão no processo de envelhecer.

A questão da velhice e do processo de envelhecimento tem chamado cada vez mais a atenção dos profissionais de diferentes áreas, bem como da própria sociedade, pois, ao longo das últimas décadas, o mundo tem notado o aumento significativo do número de idosos, motivado pelo aumento da expectativa de vida.

Para entendermos melhor esse processo é necessário uma breve análise histórica. Segundo Simone de Beauvoir em sua obra *A Velhice*, ela discorre sobre como desde a Antiguidade os povos procuravam as causas do declínio do corpo, e como nos povos antigos a medicina era confundida com magia.

Na Grécia antiga, ela não se separou logo da metafísica religiosa ou filosófica. É somente com Hipócrates que conquista sua originalidade: torna-se uma ciência e uma arte; edifica-se pela experiência e pelo raciocínio. Hipócrates retomou a teoria pitagórica dos quatro humores: sangue, fleuma, bile amarela e bile negra; a doença resulta de uma ruptura do equilíbrio entre eles; a velhice também. Ela começava aos 56 anos, segundo o médico grego. É ele o primeiro a comparar as etapas da vida humana às quatro estações da natureza, e a velhice ao inverno. (BEAUVOIR, 1990. p.23).

Ainda de acordo com a obra de Beauvoir, Galeno no século II faz um resumo geral sobre a medicina antiga, ele vê a velhice com um intermédio entre a doença e a saúde. Para ele a velhice não era um estado de doença, porém todas as funções fisiológicas do indivíduo na velhice ficariam reduzidas e enfraquecidas. Já Roger Bacon, no século XIII, via a velhice como doença. Ele foi o primeiro a ter a ideia de melhorar a visão com lentes de aumento. “Fabricaram-se essas lentes na Itália, pouco depois de sua morte, em 1300. O uso de dentes postiços já era conhecido entre os etruscos. Na idade média, esses dentes eram retirados de cadáveres de animais ou de jovens” (BEAUVOIR, 1990, p.25). A partir do século XIX a geriatria² nasce, mas ainda não levava esse nome. Segundo Beauvoir ela surgiu na França pela criação de asilos onde muitos idosos se reuniam.

² Especialidade médica 89+76que estuda e trata da saúde dos idosos. (Dicionário do Aurélio).

A *Salpêtrière* era o maior asilo da Europa, abrigava oito mil doentes, dos quais entre dois e três mil eram velhos [...] Tornou-se, portanto fácil coletar dados clínicos sobre os idosos. Pode-se considerar a *Salpêtrière* como o núcleo da primeira instituição geriátrica (BEAUVOIR, 1990, p.28).

Assim, Beauvoir destaca que a medicina terapêutica tomou o lugar da medicina preventiva, a partir daí apareceu a preocupação de curar os idosos, que cada vez mais foram aumentando de número. A começar pela França e depois seguindo por outros países, os médicos viram aumentar entre seus pacientes o número de doenças degenerativas que se desenvolvem numa situação senil³.

Nascher é considerado o pai da geriatria e, de acordo com a autora, em certa ocasião quando ele visitava um asilo com um grupo de estudantes, escutou uma senhora reclamar de várias dores ao professor e este lhe disse que sua doença era sua idade avançada, e Nascher perguntou o que se poderia fazer e o professor disse: Nada; a partir daí o pai da geriatria, surpreso com a resposta, dedicou-se ao estudo da senescência⁴. Paralelamente à geriatria uma ciência foi recentemente desenvolvida chamada Gerontologia, que não estuda as doenças da velhice e sim o próprio processo do envelhecimento.

A gerontologia desenvolveu-se em três planos: biológico, psicológico e social. Em todos esses domínios ela é fiel a um mesmo posicionamento positivista; não se trata de explicar por que os fenômenos se produzem, mas de descrever sinteticamente, com a maior exatidão possível, suas manifestações. (BEAUVOIR, 1990, p. 32).

Segundo Neves (2012), o envelhecimento é um fenômeno biopsicossocial, manifestando-se de várias formas, passando pelo envelhecimento físico, psicológico e social. Isto afetará o funcionamento humano em diversas áreas e contextos, refletindo-se então nas atividades diárias, nas relações interpessoais, na autonomia, na saúde física e mental, entre outros.

Sobre essa perspectiva, o envelhecimento pode ser entendido como uma fase expressa na ordem cronológica e ciclo da vida, sendo elas as etapas embrionária, a infantil, a juventude, a maturidade e a velhice. Para Brêtas:

³ Próprio de velho ou da velhice, Cujas capacidades intelectuais foram muito afetadas devido ao avanço da idade. (Dicionário do Aurélio)

⁴ Envelhecimento dos tecidos do organismo. (Dicionário do Aurélio).

O envelhecimento é um processo complexo, pluridimensional, revestido por aquisições individuais e coletivas, fenômenos inseparáveis e simultâneos. Por mais que o ato de envelhecer seja individual, o ser humano vive na esfera coletiva e como tal, sofre as influências da sociedade. A vida não é só biológica, ela é social e culturalmente construída, portanto pode se dizer que os estágios da vida apresentam diferentes significados e duração. (BRÊTAS, 2003, p.298).

No que se dão as transformações biológicas da velhice, Beauvoir traz detalhadamente o processo de envelhecer.

No homem o que caracteriza fisiologicamente a senescência é o que o doutor Destrem chama “uma transformação pejorativa dos tecidos”. [...] Há uma diminuição marcada na capacidade de regeneração celular. O progresso do tecido intersticial sobre os tecidos nobres é principalmente surpreendente no nível das glândulas e do sistema nervoso. Ele acarreta numa involução dos principais órgãos e um enfraquecimento de certas funções que não cessam de declinar até a morte. Fenômenos bioquímicos se produzem: aumento do sódio, do cloro, do cálcio, diminuição do potássio, do magnésio, do fósforo e das sínteses proteicas. A aparência do indivíduo se transforma e permite que se possa atribuir-lhe uma idade, sem muita margem de erro. Os cabelos embranquecem e se tornam rarefeitos [...] Por desidratação e em consequência da perda de elasticidade do tecido dérmico subjacente, a pele se enruga. Os dentes caem [...] A perda dos dentes acarreta um encolhimento da parte inferior do rosto, de tal maneira que o nariz aproxima-se do queixo. A proliferação senil da pele traz um engrossamento das pálpebras superiores, enquanto se formam papos sob os olhos. O lábio superior minguia, o lóbulo da orelha aumenta. Também o esqueleto se modifica. Os discos da coluna vertebral empilham-se e os corpos vertebrais vergam: entre 45 e 85 anos o busto diminui dez centímetros nos homens e quinze nas mulheres. A largura dos ombros se reduz e a da bacia aumenta; o tórax tende a tomar uma forma sagital, sobretudo nas mulheres. A atrofia muscular e a esclerose das articulações acarretam problemas de locomoção. O esqueleto sofre de osteoporose: a substância compacta do osso torna-se esponjosa e frágil; é por este motivo que a ruptura do colo do fêmur, que suporta o peso do corpo, é um acidente frequente. (BEAUVOIR, 1990, pp.33-34).

Dito isto, é possível visualizar o quão complexo é o processo de envelhecer, pois além de todas essas transformações e processos biológicos, essas alterações interferem também no psicológico do indivíduo interferindo assim no modo como ele se vê diante da sociedade e diante dele mesmo.

O envelhecimento, além das alterações biológicas e psicológicas, é também um processo determinado pela cultura e contexto social, pelo que é entendido como uma mudança de atitudes e mentalidades que é o resultado das interações que se estabelecem entre os diversos grupos etários e as suas condições de vida.

Analisar a velhice nas sociedades históricas é um trabalho difícil, pois a imagem da velhice é como diz Beauvoir: incerta, confusa e contraditória. Segundo a autora a pessoa idosa aos olhos da sociedade nunca interferiu no percurso do mundo. Enquanto o indivíduo ainda é um adulto e eficaz ele continua ligado à sociedade, porém quando perde suas capacidades é visto como sem valor, que não serve pra nada, não produz, não reproduz, não passando de uma carga para quem convive com ele. De acordo com Beauvoir o século XIX não havia relatos de velhos pobres, pois só era possível chegar à longevidade em classes de privilégio econômico.

Historicamente as sociedades são sempre dominadas por homens, de acordo com a autora citada acima as mulheres podiam até disputar o comando na vida privada, mas na vida pública foram sempre menores, a mulher não tinha voz e muito menos a mulher idosa.

Segundo a obra de Beauvoir Na China por muito tempo a civilização foi muito hierarquizada e estagnada, que tinha um poder autoritário, e para o povo não se tratava de evoluir, mas de sobreviver, a população era composta de pessoas instruídas cujas responsabilidades e qualificações somavam durante os anos e no topo da sociedade estavam os mais antigos e essa alta posição elevada se refletia na família.

Tendo regulamentado rigorosamente as relações entre superiores e inferiores, Confúcio modelou à imagem da coletividade o microcosmo que deu a esta como base: a família. Toda a casa devia obediência ao homem mais idoso. Não havia contestação prática de suas prerrogativas morais, pois a cultura intensiva que se pratica na China exige mais experiência do que força (BEAUVOIR, 1990, p.112).

No Taoísmo a longevidade era vista como uma virtude, no Neotaoismo chinês a busca de uma vida longa era a busca soberana do homem, “A santidade era a arte de não morrer, a absoluta posse da vida. A velhice era, portanto, a vida sob sua forma suprema”. (BEAUVOIR, 1990, p.114).

Ainda de acordo com a obra de Beauvoir, na literatura chinesa a velhice nunca é retratada como uma tragédia, diferente da cultura ocidental que em no primeiro texto conhecido que se encontra no Egito, escrito 2500 a.C. por Ptah-hotep a velhice é vista de forma tenebrosa:

Como é penoso o fim de um velho! Ele se enfraquece a cada dia; sua vista cansa, seus ouvidos tornam-se surdos; sua força declina; seu coração não tem mais repouso; sua boca torna-se silenciosa e não fala mais. Suas faculdades intelectuais diminuem, e lhe é impossível lembrar-se hoje do que aconteceu ontem. Todos seus ossos doem. As ocupações que até recentemente causavam prazer só se realizam com dificuldade, e o sentido do paladar desaparece. A velhice é o pior dos infortúnios que pode afligir um homem. O nariz entope, e não se pode mais sentir nenhum odor. (PTAH-HOTEP, *apud.* BEAUVOIR, 1990, p.114).

Essa definição de cada parte do envelhecimento se repete em todas as épocas e é necessário frisar a prolongação desse tema. Biologicamente a velhice é de fato um declínio e desse modo a maioria das pessoas a temem.

Ainda analisando a obra de Beauvoir, ela relata que o povo judeu ficou conhecido pelo respeito à velhice, segundo a autora eles consideram a longevidade como o prêmio soberano da virtude de Deus. Já na Grécia antiga a velhice era associada à honra e sabedoria, Segundo Homero a personificação da velhice é Nestor, o conselheiro supremo:

O tempo lhe conferiu experiência, a arte da palavra, a autoridade. Entretanto ele aparece como fisicamente enfraquecido. E não é ele quem assegura aos gregos a vitória. Só um homem na força da idade seria capaz de inventar um artifício mais eficaz do que todas as táticas tradicionais. (HOMERO, *apud.* BEAUVOIR, 1990, p.122).

Sobre o lugar do velho na escala social Beauvoir discorre que entre as pessoas de privilégio na sociedade a posição dos velhos está ligada ao regime de propriedade.

Quando esta não repousa mais na força, mas é firmemente garantida pela lei e institucionalizada, a pessoa do proprietário não é mais essencial e se torna indiferente; ela fica alienada à sua propriedade, através da qual é respeitada. Não se levam em conta suas capacidades individuais, mas seus direitos. Pouco importa, portanto que ele seja velho, débil, e até incapaz. Como a riqueza geralmente aumenta todos os anos, não são mais, portanto, os jovens, mas sim os mais idosos que ocupam o alto da escala social. (BEAUVOIR, 1990, p.125).

Podemos ver então que mesmo com todo o histórico de desprezo à velhice e aos velhos os que possuem mais dinheiro estão no topo na camada social, pois possuem riqueza acumuladas e dessa forma adquiriram mais “respeito” do que a maioria dos outros idosos. E essa classe dominante a idade avançada era uma qualidade, pois haviam acumulado bens, posses, dinheiro, desse modo os velhos

que eram ricos tinham um grande prestígio na vida pública e privada. Segundo Beauvoir a ideologia da classe dominante visa a justificar seus comportamentos.

Com o passar dos anos a transformação da família mudou a imagem do velho que punia para educar, que era rígido com seus filhos e netos, e deu lugar à imagem do velho que não era mais o chefe da família, mas o cúmplice das crianças que as vezes passavam por cima dos pais e os netos podiam ver neles um amigo, um “companheiro divertido e indulgente”, nas palavras de Beauvoir.

Contudo essas atitudes históricas destacadas até aqui foram as imagens que se formaram sobre as pessoas velhas com o passar dos anos, algumas sociedades os rejeitavam, outras lhes davam um grande valor, perpassando o tempo sempre houve aqueles que viam a velhice como um presente e os que a vissem como uma maldição, como disse Beauvoir: “A palavra velhice representa duas espécies de realidade profundamente diferentes se considerarmos esta ou aquela” (p 261). Desse modo é importante ter a visão de que a velhice não é a mudança para o ruim ou para o bom, mas apenas uma das fases da vida.

Atualmente a condição das pessoas idosas é vergonhoso e lamentável, segundo Beauvoir, se sabe que hoje em dia há inúmeros casos de negligência, abandono, maus tratos e a sociedade parece que fecha os olhos para este acontecimento:

De maneira geral ela fecha os olhos para os abusos, os escândalos, e os dramas que não abalam seu equilíbrio; não se preocupa mais com a sorte das crianças abandonadas, dos jovens delinquentes, dos deficientes, do que com a dos velhos. Nesse último caso, entretanto, sua indiferença parece, *a priori*, mais surpreendente, cada membro da coletividade deveria saber que seu futuro está em questão, e quase todos tem relações individuais e estreitas com certos velhos. Como explicar sua atitude? É a classe dominante que impõe as pessoas idosas seu estatuto, mas o conjunto da população ativa se faz cúmplice dela. (BEAUVOIR, 1990. p.265).

Vemos muitas situações como esta nos dias de hoje, filhos e netos que não se preocupam ou se esforçam para garantir e diminuir as dificuldades para o futuro de seus pais e avós. Uma sociedade deveria ser unida e solidária, mas, como diz Beauvoir, seus membros estão separados, mas unidos por relações de reciprocidade⁵. E como a autora explica:

⁵Qualidade ou caráter de recíproco; correspondência mútua (Dicionário do Aurélio).

A reciprocidade exige essencialmente que, a partir de minha dimensão teológica, eu apreenda a do outro. Quando nos casos patológicos de despersonalização, o doente não tem mais ligação com seus próprios fins, então os homens lhe aparecem como os representantes de uma espécie estranha. O que se passa no caso da relação do adulto com o velho é o inverso. O velho – salvo exceções – não faz mais nada [...] O tempo o conduz a um fim – a morte – que não é o *seu* fim, que não foi estabelecido por um projeto. E é por isso que o velho aparece aos indivíduos ativos como uma “espécie estranha”, na qual eles não se reconhecem. (BEAUVOIR, 1990, p.266).

Desse modo o ‘indivíduo ativo’ não se enxerga no idoso, como diz a autora citada acima “A velhice inspira uma repugnância biológica; por uma espécie de autodefesa”. (BEAUVOIR, 1990, p.266).

Ainda segundo a obra da autora essa situação do velho se assemelha a da criança, que o adulto também não tem reciprocidade, por isso é comum se ouvir “extraordinária para sua idade” tanto as crianças como nos idosos, para os adultos o extraordinário é que não sendo ainda adultos ou não mais adultos, tenham comportamentos humanos. Foi possível ver também que ao longo da história crianças e velhos eram vistos da mesma forma para os adultos, porém a sociedade enxerga na criança o futuro dele próprio e investe nela, já para o velho a seu ver, o futuro é a morte.

Contudo a não-reciprocidade não é o único fator de descaso com o velho, de acordo com Beauvoir o que define a atitude do adulto com o idoso é sua duplicidade; O adulto até certo ponto tende-se à moral que vimos impor-se nos últimos séculos, e que a força a tratar os velhos com respeito, mas ainda assim ele trata os idosos como inferiores, e se empenha em convencer eles de seu declínio.

É de maneira dissimulada que o adulto tiraniza o velho que depende dele, não ousa abertamente dar-lhe ordens, pois não tem direito a sua obediência: evita atacá-lo de frente, manobra-o. Na verdade, alega o interesse do ancião. A família inteira se torna cúmplice. Mina-se a resistência do ancião, oprimindo-o com cuidados exagerados que o paralisam, tratando-o com uma benevolência irônica, falando-lhe em linguagem infantil, e até mesmo trocando, por trás dele, palavras ferinas. Se a persuasão e a astúcia fracassam em fazê-lo ceder, não se hesita em mentir-lhe, ou em recorrer a um golpe de força. Por exemplo, convence-se o velho a entrar provisoriamente numa casa de aposentados, onde é abandonado. A mulher e o adolescente que vivem na dependência econômica de um homem adulto tem mais defesa do que o velho: a esposa presta serviços – o serviço da cama e o trabalho da casa; o adolescente se tornará um homem que poderá pedir contas; o velho não fará mais que descer

em direção à decrepitude e à morte; não serve pra nada. Puro objeto incômodo, inútil, tudo que se deseja é poder tratá-lo como quantia desprezível. (BEAUVOIR, 1990, p.268).

Importante ressaltar que os interesses neste conflito são também de caráter moral, pois Beauvoir afirma que a sociedade quer que o idoso se aceite a imagem que a sociedade faz dele, impondo regras em suas roupas, na decência em sua conduta, e uma submissão às aparências, porém é no âmbito sexual que existe mais repressão.

Segundo Borglin, Edberg e Hallberg (2005, *apud.* AQUINO et all, 2013) , a qualidade de vida dos idosos depende da preservação do *self* (si mesmo) e da conservação de objetivos ao longo da vida, e a experiência de qualidade de vida envolveria saúde, independência, experiências anteriores, relações sociais, atividades, capacidade de adaptação às mudanças, valores pessoais, autonomia e viver em casa, que tudo isso colabora para uma melhor auto estima e conseqüentemente melhor qualidade de vida.

Outro ponto que necessita ser discutido é o idoso como um objeto de exploração, claramente esta situação ocorre em grande número, salvo exceções naturalmente. O número de abrigos, casas de repouso e clínicas para idosos se multiplicou bastante, de acordo com Beauvoir, “onde se faz as pessoas idosas que dispõe de meios pagarem o mais caro possível por conforto e por cuidados que frequentemente deixam muito a desejar”. (AQUINO et all, 2013, p.269).

Ao se tratar do envelhecimento populacional, nota-se que o perfil demográfico da população brasileira indica uma acentuada expansão no processo de envelhecer, segundo Moraes (2012), há uma estimativa que, em 2025, o Brasil alcance cerca de 32 milhões de pessoas com idade igual ou maior que 60 anos, ocupando assim, o sexto lugar mundial quanto ao contingente de idosos.

Segundo Beauvoir, na democracia capitalista, o envelhecimento da população gera uma nova questão, pois as pessoas idosas são muito mais numerosos do que nunca, porém não se agregam mais de vontade própria à sociedade: “esta vê-se obrigada a decidir sobre o estatuto delas, e a decisão só pode ser tomada em nível governamental. A velhice se tornou o objeto de uma política”. (BEAUVOIR, 1990, p.273).

Inicialmente a pensão foi desenvolvida como um tipo de recompensa, posteriormente o consentimento das pensões se tornou regular e disciplinada,

entretanto com duas condições: vários anos de trabalho e uma certa idade necessária. A pensão foi dada primeiramente aos trabalhadores de empresas de indústria e comércio, só muito depois que foi estendida à toda população.

De acordo com a obra de Beauvoir, algumas regulamentações do âmbito da assistência (nos anos 60) presume que a velhice configura uma invalidez e a pensão era uma ajuda prestada aos necessitados, assim, proibia ao pensionista qualquer trabalho com remuneração. É fato que atualmente o número de idosos que ainda trabalham reduziu bastante no âmbito industrial e comercial tanto operários quanto em níveis mais altos, já nos setores de agricultura, artesãos, trabalhadores domésticos, autônomos, os donos de pequenos estabelecimentos, ainda possuem grande parte de idosos.

Desse modo, por consequência, até mesmo antes da aposentadoria muitos idosos ficam desempregados, de acordo com Beauvoir, os trabalhadores idosos são vítimas do 'desemprego residual', e depois que são demitidos, dificilmente conseguem voltar. Hoje em dia os jovens dominam os empregos em escritórios, sobrando às pessoas de idade as ocupações árduas e nocivas, assim, são obrigadas a diminuir suas exigências referentes ao salário e às condições do trabalho.

Vários empregadores justificam essas atitudes apontados as deficiências que vem com a velhice, porém muitas dessas 'deficiências' que a idade traz podem ser solucionadas facilmente:

Dar óculos ao operário, instalar assentos que os permitam operar sentado e não em pé – tais medidas foram muitas vezes suficientes para readaptá-lo à sua tarefa. Mas raras são as empresas que revelam esse tipo de preocupação. Quase sempre à menor falha, o operário é transferido. Reclassificam-no como porteiro, vigia, guarda-livros, verificador, distribuidor de ferramentas, almoxarife, etc. Trata-se, na verdade, de um rebaixamento. O velho operário ganha menos, e com isso, sofre material e moralmente. Por outro lado, esses cargos diminuem com a mecanização, e o trabalhador idoso é condenado ao desemprego. (BEAUVOIR, 1990, p.286).

Segundo Beauvoir, todo esse debate não teria sentido se o aposentado recebesse uma boa pensão, então deveríamos nos parabenizar por conceder-lhes seu direito ao descanso o mais rápido possível, sabendo a miséria que lhe é posta. "Longe de descansar, ele é frequentemente obrigado, como vimos, a aceitar

trabalhos penosos e mal remunerados” (BEAUVOIR, 1990, p.287). Uma reivindicação necessário, portanto é o aumento das pensões.

As mudanças sociais trazidas pela transição demográfica são hoje um fato, que estimulam, organizam e estabelecem práticas de cuidados e reinserção desse grupo social crescente. Segundo Brandão, Pereira e Fazenda:

Os avanços na área de prevenção à saúde, ligados diretamente ao desenvolvimento da medicina, estabelecem a perspectiva da longevidade avançada, considerando os indivíduos com 80 anos e mais, como um grupo que cresce nas análises demográficas. (BRANDÃO; PEREIRA; FAZENDA, 2014).

De acordo com Schneider e Irigaray (2008), determinar o início da velhice é uma tarefa complexa porque é difícil a generalização em relação à velhice, e há distinções significativas entre diferentes tipos de idosos e velhices. A idade é um fato pré-determinado, mas o tratamento dado aos anos depende das características da pessoa. Assim, se torna complicado saber que critérios usar para se definir o início da velhice, pois os aspectos que definem este período são questões ainda controversas e que provocam inúmeras discussões entre os profissionais, atraindo a atenção de estudiosos.

Estamos todos inseridos numa população e a sua dinâmica impacta em vários aspectos da vida e no espaço onde vivemos em diversos momentos no tempo. De acordo com Camarano (2008), o envelhecimento da população coloca para os formuladores de políticas a necessidade de expandir os serviços de atenção à saúde para idosos, e apresentar uma política de cuidados para os idosos dependentes e a buscar fontes de financiamento para assegurar os benefícios da seguridade social. Por outro lado, um país que se caracteriza por uma estrutura etária jovem demanda a ampliação de serviços como educação, habitação e maiores oportunidades de emprego.

Segundo Schneider e Irigaray (2008), as concepções de velhice nada mais são do que resultado de uma construção social e temporal feita numa sociedade com valores e princípios próprios, que são cruzados por questões multifacetadas, multidirecionadas e contraditórias. Na contemporaneidade, ao mesmo tempo em que a sociedade potencializa a longevidade, ela nega aos velhos um lugar social não marginalizado. Vive-se em uma sociedade de consumo, na qual apenas o novo e produtivo (nos parâmetros do capital) é valorizado, caso contrário, ele é descartado.

Ainda segundo os autores citados acima, o *status* negativo das pessoas idosas é também devido à ênfase da juventude, da beleza, da autonomia, da independência e da habilidade de ser produtivo ou reprodutivo. Assim, ser velho assume um conceito negativo, sendo atrelado à perda de características supervalorizadas pela sociedade e pelo próprio idoso. O significado social relacionado às pessoas mais velhas é desfavorável, embora não seja exclusivamente assim. Os estereótipos negativos são atribuídos principalmente pelos próprios idosos, que não se conhecem como tal e falam da categoria velho como se não fizessem parte dela.

Por o conceito de idade ser multidimensional, a idade cronológica não se torna uma boa medida da função desenvolvimental. De acordo com Schneider e Irigaray:

A idade social é definida pela obtenção de hábitos e status social pelo sujeito para a ocupação de papéis sociais ou expectativas em relação às pessoas de sua idade, em sua cultura e em seu grupo social. Um indivíduo pode ser mais velho ou mais jovem dependendo de como ele age dentro de uma classificação esperada para sua idade em uma sociedade ou cultura particular. (SCHNEIDER; IRIGARAY, 2008, p.590).

A medida da idade social é composta por performances individuais de papéis sociais e envolve características como tipo de vestimenta, hábitos e linguagem, bem como respeito social por parte de outras pessoas em posição de liderança; já o conceito de idade psicológica pode ser usado em dois sentidos.

Um se refere à relação entre a idade cronológica e às capacidades psicológicas, como percepção, aprendizagem e memória, e o outro tem relação com o senso particular de idade. Este conceito depende de como cada pessoa avalia a presença ou a ausência de marcadores biológicos, sociais e psicológicos do envelhecimento com outras pessoas de sua idade.

O envelhecimento é um processo complexo e multifatorial. A variabilidade de cada pessoa (genética e ambiental) acaba impedindo o estabelecimento de parâmetros. Por isso, o uso somente do tempo (idade cronológica) como medida esconde um amplo conjunto de variáveis. A idade em si não determina o envelhecimento, ela é apenas um dos elementos presentes no processo de desenvolvimento, servindo como uma referência da passagem do tempo. Os termos “criança”, “adolescente” e “adulto” são usados na vida diária sem nenhum questionamento, no entanto, o termo velho suscita desgostos, e algumas pessoas até mesmo exigem que se deixe de usá-lo. Quando uma criança se torna

adolescente, quando um adolescente se torna adulto e quando um adulto se torna idoso? Devido à falta de precisão entre o início e o fim de cada fase do desenvolvimento, estes são agrupamentos úteis, embora limitantes. (SCHNEIDER; IRIGARAY, 2008, p.592).

Desse modo é preciso mais que apenas a idade cronológica para definir o envelhecimento de um indivíduo. Por isso, Brêtas (2003), afirma que a qualidade de vida e, conseqüentemente, a qualidade do envelhecimento relaciona-se com a visão de mundo (mentalidade) do indivíduo e da sociedade em que ele está inserido. Por isso, deve ser analisado o envelhecimento da população e a importância de estabelecer planejamentos e estratégias voltadas para proporcionar aos idosos, melhores condições de vida.

A Gerontologia entende que o envelhecimento não significa uma decadência, e sim uma seqüência da vida, com suas peculiaridades e características. Ora, sabemos que a fonte da juventude é uma utopia e, certamente, as pessoas que perseguem tal ideal sofrem de muitas angústias, pois se recusam a encarar a realidade – afinal, ninguém é tão velho que não acredite poder viver ao menos mais algum tempo. Deve-se pensar, portanto, em envelhecer com qualidade, evitando, assim, as contínuas mortes de direitos e deveres do cotidiano. E, principalmente, o olhar do outro que aponta nosso envelhecimento. É comum reconhecermos o envelhecimento, pois ele se anuncia em termos de estética. (ALMEIDA; LOURENÇO, 2007, s.p.).

Essa estética, ligada a autoestima, são fatores fundamentais para uma boa qualidade de vida para os idosos, incluindo aí a questão da sexualidade, que ainda é vista como um tabu pela sociedade, como se fosse algo reservado aos mais jovens. O próximo capítulo vai discutir esse conceito de sexualidade e problematizá-lo na fase idosa à luz da sociedade do consumo.

CAPÍTULO 2. SEXUALIDADE

Este segundo capítulo tratará da sexualidade como um todo, o modo como a sociedade enxerga a sexualidade ao longo da história e nos dias atuais, como ela se faz presente no cotidiano e sua importância para a vida do ser humano.

A definição de sexualidade segundo o Dicionário Aurélio é “qualidade do que é sexual; modo de ser próprio do que tem sexo”. (DICIONÁRIO DO AURÉLIO, 2016), Mas, na realidade, sexualidade é um termo bastante abrangente, e que reúne inúmeros fatores, onde dificilmente se encaixa em uma definição única e absoluta. Fávero (2010), afirma que o termo supõe um universo onde tudo é relativo, pessoal, pode-se dizer que é o aspecto mais íntimo do ser humano e assim, se manifesta diferentemente em cada indivíduo, de acordo com a realidade e as experiências vividas pelo mesmo.

A autora citada anteriormente, nos mostra a noção de sexualidade como busca de prazer e descoberta das sensações providas do contato; atração com intuito de obter prazer pela satisfação dos desejos do corpo, entre outras características. Estando assim, diretamente interligada e dependente de fatores genéticos e especialmente culturais, visto que o contexto do indivíduo influi diretamente na sexualidade de cada um diz que:

Muitas vezes se confunde o conceito de sexualidade com o do sexo propriamente dito. É importante salientar que um não necessariamente precisa vir acompanhado do outro. Cabe a cada um decidir qual o momento propício para que esta sexualidade se manifeste de forma física e seja compartilhada com outro indivíduo através do sexo, que é apenas uma das suas formas de se chegar à satisfação desejada. Sexualidade é uma característica geral experimentada por todo o ser humano e não necessita de relação exacerbada com o sexo, uma vez que se define pela busca de prazeres, sendo estes não apenas os explicitamente sexuais. Pode-se entender como constituinte de sexualidade, a necessidade de admiração e gosto pelo próprio corpo, por exemplo, o que não necessariamente signifique uma relação narcísica de amor incondicional ao ego. (FÁVERO, 2010, p.01).

Lopes (1994), conceitua a sexualidade como uma maneira onde o indivíduo estabelece a relação consigo e com o mundo estando presente em nós desde a vida intra útero até o momento da nossa morte, sendo a sexualidade então, uma

expressão pessoal que não tem determinação de início ou fim. Consoante a isto, Ribeiro, conceitua a sexualidade como:

A maneira como uma pessoa expressa seu sexo. É como a mulher vivencia e expressa o 'ser mulher' e o homem o 'ser homem'. Se Expressa através de gestos, da postura, da fala, do andar, da voz, das roupas, dos enfeites, dos perfumes, enfim, de cada detalhe do indivíduo. (RIBEIRO, 2002, p.124).

Sexualidade na concepção de Figueiró (2006) inclui não só o sexo, mas também o carinho, o prazer, a afetividade, a comunicação entre si, o sentimento, a intimidade, e também inclui os valores morais que cada um elabora sobre o comportamento sexual.

Podemos notar então, que a sexualidade é um tema vasto, que envolve diferentes fatores emocionais e sociais, e também se desenvolve dentro da convivência social, por meio das relações pessoais e comunitárias, se modificando em particularmente em cada pessoa, e que dessa maneira, faz jus ser pensado e refletido.

A sexualidade é nada mais que uma construção histórica e social. Histórica, pois foi construída ao longo da história da humanidade, acompanhando as diversas épocas e as transformações sucedidas em cada momento. É social, ao passo que é algo intrínseco ao ser humano, por ser construído dentro da vida em sociedade na relação com o próximo e ao mesmo tempo transformado por influência do pensamento social. Devemos entender, portanto, que as diversas construções sociais e históricas que se referem a sexualidade, influenciaram o pensamento formado hoje em dia, por entender que a apropriação de pensamentos e opiniões, feito pelo sujeito, é algo formado socialmente.

Dentro da história do gênero humano, a sexualidade, é marcada por fortes modificações influenciadas pelas percepções e pensamentos que guiam diversas compreensões que vão aparecendo a partir dos múltiplos contextos culturais, religiosos, políticos e econômicos. Desse modo, é preciso olhar para a sexualidade em sua totalidade histórica de forma que seja possível desconstruir qualquer visão que esteja fragmentada ou fora do contexto que possa aparecer sobre o tema.

De acordo com Duarte (2012), as primeiras marcas da sexualidade humana surgem na era Paleolítica. Existiam várias manifestações, desde pinturas e desenhos nas cavernas até esculturas apreciando o corpo feminino, especialmente

as partes íntimas da mulher, o que indicam a exaltação à fertilidade. É possível perceber nesse momento da história que a sexualidade é tida como um elemento mítico, onde existe os cultos exaltando à fertilidade da mulher, a autora diz que eram as mulheres que comandavam as comunidades, eram elas as responsáveis de exercer as atividades, que garantiam a sobrevivência das pessoas da comunidade, devido a isso esse período é chamado de matriarcalismo.

Segundo Nunes (1987) por milhares de anos a humanidade viveu sob o comando e poder das mulheres, que trabalhando juntas se transformaram em um grupo que se encaminhava ao progresso, pois eram as mulheres que experimentavam, observavam e pesquisavam de novas maneiras de sustento na vida. Foi pela conexão materna que se formou o primeiro elo civilizador e que mantinha o clã primitivo.

Assim, o resultado mais importante das atividades femininas foi a fundação e a consolidação do primeiro grande coletivo humano. A vida coletiva e o trabalho, substituindo o individualismo animal, abriram um abismo intransponível entre a sociedade humana e os animais. Tornaram possível a primeira grande conquista da humanidade, a domesticação dos animais. Através destas experiências as mulheres se converteram nas primeiras trabalhadoras e lavradoras, nas primeiras cientistas, doutoras, arquitetas, engenheiras; as primeiras professoras, educadoras e artistas, e transmitiram a herança social e cultural. As famílias que surgiram não eram simplesmente cozinhas coletivas ou salas de cozinhar, mas eram também as primeiras fábricas, os primeiros laboratórios científicos, centros médicos, escolas e centros culturais e sociais. O poder e o prestígio feminino que surge das funções procriadoras, alcança seu ponto máximo com a primazia de suas atividades socialmente úteis (...) As mesmas causas que levaram à emancipação do homem conduziram à queda do matriarcado e à escravização da mulher. No momento em que o homem se apropriou dos meios de produção, a mulher foi relegada exclusivamente a suas funções biológicas de mãe, e lhe foi negada toda forma de participação na vida social produtiva. Os homens tomaram as rédeas da sociedade e fundaram um novo sistema social a serviço de suas necessidades. Da destruição do matriarcado, nasceu a sociedade de classes. (REED, 1980, pp. 50-51, *Apud*. NUNES, 1987, p.19).

Desse modo pode-se ver a importância do matriarcalismo, o poder que as mulheres tinham que acabou se tornando uma simbologia, no nível de crenças, religião, mitologias, como houve o culto à fertilidade feminina, conseqüentemente segundo Nunes (1987, p.19): “A sexualidade, ao se ver envolvida de uma

significação mítica, é concebida como sagrada e divina, com o predomínio da função da mulher, como apanágio⁶ feminino”.

Ainda segundo a obra de Nunes, é no período Neolítico que o cenário muda e a posição de chefe ou de organizador passa a ser dos homens:

Quando grandes transformações climáticas e o aumento generalizado da população, bem como a descoberta da pedra polida fizera escassear a caça e pesca obrigando a uma maior sedentarização e substituição da caça pelo pastoreio, com a domesticação de alguns animais, e da coleta pela agricultura. A princípio a agricultura, a fição e a tecelagem eram funções e privilégios das mulheres, mas transformações sociais provocadas pela sedentarização, pela produção de excedentes, pela perda da identidade de caçador por parte do homem levaram ao aparecimento de propriedades da terra, de um novo grupo social semelhante a uma família primitiva e a formas rudimentares de uma organização política. É no Neolítico que encontramos as primeiras formas de religião e poder patriarcal, isto é, dominado pelo homem e pela função de pai ou chefe. (NUNES, 1987, p.20).

Entretanto, ainda segundo Nunes (1987), as maiorias desses estudos explicam que o masculino e feminino são retrato do coletivo que se pode fundar sobre a diferença biológica entre os sexos. Não há justificativa tirar da diferença biológica, macho e fêmea, a distinção de capacidades e competências, sendo estas sociais e históricas. Desse modo podemos notar que o cenário de papéis sexuais provém do alicerce cultural e social. As normas do comportamento sexual são estabelecidas pelos interesses base da cultura, e também do desejo e da vivência pessoal.

De acordo com Walendorff (2013), no período antigo da história, o povo Hebreu se casava muito jovem, a reprodução era ininterrupta por causa das guerras e pela grande taxa de mortalidade infantil. A virgindade era muito valorizada pela sociedade e a poligamia era aprovada para os homens, mas apenas depois do casamento.

Ainda segundo a autora, antigamente, os Gregos tinham o prazer como o objetivo da vida. Ela afirma que, Platão, traz a importância da educação igual para ambos os sexos, deixando clara sua preocupação quanto à importância da educação para o desenvolvimento de uma sociedade preparada, tendo como base,

⁶ Privilégio, atributo, qualidade inerente. (DICIONÁRIO DO AURÉLIO, 2016).

o legado cultural deixado pelos gregos que até hoje é admirada por alguns como uma das culturas mais desenvolvidas.

Walendorff relata que, para os Romanos, o casamento era uma questão pessoal e não requeria uma aprovação religiosa ou governamental, apenas o consentimento paterno:

Assim parece que os jovens romanos tinham melhor oportunidade do que os gregos para encontrar no casamento uma união de Amor e Prazer, embora aliado à sua função reprodutora, pois a tradição sustentava que todas as pessoas deveriam se casar e havia uma tributação de impostos para os solteiros. Pode-se entender ainda que para o governo romano, era vantajoso para que os jovens continuassem solteiros, pois tinham que pagar certo tributo ao Estado por continuar com a condição, também se interpreta que o Estado incentivava o casamento através deste tributo. (WALENDORFF, 2013, p.05).

Ainda segundo Walendorff (2013), os romanos eram liberais, sendo sua cultura considerada sádica e cruel. Com a introdução da sexualidade na vida dos filhos, o pecado se torna um modo para conscientizar de que o sexo desenfreado não é correto. Seus comportamentos indicam certo grau de culpa por causa do elemento de sadismo⁷ em sua cultura, porém, seu sadismo estava diretamente ligado à culpa sexual, e na cultura deles podemos ver os primeiros sinais de um novo conceito: o pecado. Nos séculos II e III nota-se a ruptura do paganismo em direção ao cristianismo. Este período era dominado por luxúria e sadismo gerando um descontentamento por parte da população.

Hoje em dia, o discurso da Igreja Católica dá ênfase à dignidade do corpo humano, pregando que o sexo é válido e legítimo somente dentro do casamento, ou seja, o sexo deixa de ser pecado desde que seja praticado dentro do matrimônio. Segundo Walendorff (2013, p.07) para a procriação “o sexo ainda era tolerado, mas sempre enaltecendo a virgindade, ou seja, a pureza”.

Durante a Idade Moderna, a partir do século XVI, a junção da ideia do Iluminismo com a Renascença, o sexo não parecia ser mais tão pecaminoso nem repulsivo, o sexo já podia ser associado com o amor.

Basicamente a revolução sexual surgiu juntamente com os novos teóricos da sexualidade como Sigmund Freud, Alfred Charles Kinsey

⁷ Perversão sexual em que a satisfação depende do sofrimento físico ou moral infligido a outrem (DICIONÁRIO DO AURÉLIO, 2016).

e William Reich no início do século XX, nascendo logo após o movimento de contracultura, um século de repressão do qual alguns grupos de pessoas criaram um modo de vida mais natural, como por exemplo, o movimento Hippie, que consistia na busca por liberdade em todos os ângulos e a quebra dos tabus sociais, objetivos estes sendo representados através do amor livre, dos cabelos longos, as roupas coloridas, drogas, músicas de protesto e pregando o pacifismo. (WALENDORFF, 2013, p.08).

A partir daí, é possível visualizar uma atmosfera de mudança e a busca da liberdade de se viver sua verdade, e começam a expor suas opiniões e vontades em relação ao sexo e como era tratado naquela época. Foi uma mudança de grande importância, pois esse movimento teve grande poder influenciador e transformador, mas também despertou um certo ódio aqueles que não concordavam com seus pensamentos e lutas.

Segundo Duarte (2014), graças às diversas mudanças no que diz respeito ao processo de desenvolvimento da sociedade, a maneira de entender a sexualidade se altera. A variação de atribuições induz o povo a gerar uma perspectiva sobre a sexualidade, de modo a controlar e sujeitar os indivíduos às regras e aos padrões incorporados.

Podemos perceber mudanças significativas com o decorrer do tempo, uma vez, que inicialmente a sexualidade, dentro do Paleolítico, era percebida como algo mítico, onde havia exaltação a mulher, e cultos à fertilidade feminina, porém na cultura grega, onde o patriarcalismo predomina, a mulher é desvalorizada, e a sexualidade volta-se num caráter religioso. Porém não há repressões em relação à expressão da sexualidade masculina. Há liberdade para os homens dentro ou fora do casamento, podendo eles manter relações com outras mulheres e homens. (DUARTE, 2014, p.14).

É possível observar a mudança no comportamento da sociedade em relação a sexualidade, a transformação da exaltação ao feminino que se transforma no patriarcalismo, onde a figura da mulher muda e ela passa de divina e apreciada à desvalorizada e rebaixada, não havendo desaceitação em relação ao homem, para ele há a liberdade sexual.

Um ponto necessário e de grande importância a ser discutido é sobre a formação do patriarcalismo que segundo Nunes (1987) se iniciou no Oriente Médio, a Bíblia expõe a vida dos hebreus em relação aos outros povos do território, começando pelo relato do início do mundo. Desde as narrações iniciais do Gênesis há uma nítida política sexual subtendida nestas narrativas; pois Deus forma a mulher

da costela de Adão, retrato de submissão, e designa o homem "senhor de todas as coisas". A propósito a própria visão de Deus é masculinista, uma influência machista que evidencia o período do patriarcalismo entre os hebreus. A doutrina religiosa modifica a realidade, visto que é o homem que "sai" da mulher e não esta que "sai" do homem, como relata a história de Adão.

O mundo descrito pela Bíblia é o mundo patriarcal, registrado pela escrita, que já era outra distinção masculina, como o sacerdócio e as funções produtivas e militares administrativas. Entre os hebreus a mulher era um "ser inferior" ao homem, não podendo participar ativamente da religião a não ser sob obediência do marido. A adúltera era apedrejada e a menstruação tida como impureza. A mulher era discriminada e semi-escravizada pelo marido, pai ou senhor. Frequentemente se exigia um dote para que um homem "comprasse" sua esposa, a poligamia era norma comum como é o caso do patriarca Jacó, ou Israel, um dos grandes patriarcas hebreus que, prestando serviços a Labão, resgata pelo seu trabalho duas esposas e suas escravas. (NUNES, 1987, p. 22).

De acordo com Duarte (2014) a autora citada acima os grupos de Reforma e Contra Reforma, constituem consideráveis alterações no que se refere ao ponto de vista definido no período medieval. A investida de ultrapassagem do domínio exercido pela Igreja católica acarreta o desmonte do feudalismo simultaneamente quando se monta uma nova camada social: a burguesia.

Walendorff discorre ainda que durante os anos 90 aumentaram os projetos e trabalhos de Orientação Sexual desenvolvidos nas escolas devido ao amplo número de gravidez precoce e ao número de pessoas contaminadas pelo vírus da AIDS. Atualmente muitos projetos vêm sendo elaborados no Brasil, acerca do tema da sexualidade, apresenta-se a necessidade da inclusão da orientação sexual nas escolas de forma clara e coerente. É possível notar que desde o surgimento do tema Educação Sexual, o mesmo passou por vários enfoques e discussões, preconceitos e tabus, mas deixando nítida a preocupação com a saúde e ao mesmo tempo gerando uma separação da sexualidade do sexo.

Desse modo, as transformações ligadas ao processo civilizador, e a compreensão da sexualidade se transformam gradativamente. Segundo Lopes (2014), a categorização dos papéis sociais leva, a novas formas de controle, e subjugação à população às normas. De acordo com o autor o sexo passa a ser apenas para procriação, concordando também com as palavras de Nunes:

O sexo é reduzido ao privado e com fim procriativo. A concepção de racionalidade e eficiência burguesa soma-se a produtividade. O sexo subjetivo, humano, prazeroso desaparece. O corpo é negado no trabalho e na repressão sexual. O "eu" corporal não existe e sim a civilidade e a máscara social. Sobre o sexo nasce a cultura da vergonha e do pecado em níveis tão profundos que nem mesmo a Idade Média tinha conseguido. (NUNES, 1987, p.40).

Desse modo é possível ver a compreensão da sexualidade existente no início da modernidade. Evidenciando assim a grande punição que foi suportada, com categorias mais elevadas do que os notados durante o período medieval, então o capitalismo se apodera de um comando antes constituído pela Igreja, para controlar a população com o propósito de assegurá-los como mão de obra barata nas indústrias.

A sexualidade perpassa por aspectos culturais, emocionais, sociais, desse modo é possível ver sua complexidade. Segundo Lopes (2014), o estabelecimento do capitalismo diminui "o desgaste de energia que não esteja de acordo com os modos de produção" e o sexo se transforma no inimigo do trabalho.

Segundo Nunes (1987), atualmente o casamento passa por uma grande crise, visto que já não é mais tão necessário quanto já foi antes e nem a única maneira de se gerar filhos. Passa a ser a base do cenário de ideais e em diversos eventos a maneira de superar o isolamento das pessoas que há do mundo contemporâneo.

Outro ponto de extrema importância de ser discutido é a questão do machismo que ocorre há muito tempo e que infelizmente ainda é muito presente na sociedade atual. De acordo com Nunes (1987), o machismo geralmente vem acompanhado de violência, pois o sujeito machista é opressor e dominante, entretanto existe também o machismo instalado nas famílias, nos princípios morais, nos conceitos de poder, nos costumes, até na divisão dos brinquedos das crianças. É o patriarcalismo enraizado em todas as partes de nossa cultura.

O machista é aquele que ama a si mesmo, cultua seu próprio' sexo e o de seus semelhantes. Faz-se cercar de homens, com estes promove caçadas, pescarias, jogos; frequenta bares e prostitutas, programas de toda espécie. Com a mulher tem uma relação de domínio e poder, mantendo-a em cativeiro doméstico ou na ostentação social de sua presa fálica. Nos círculos de amigos zombam e ridicularizam a mulher, têm sempre uma "boa" contra o feminismo e os "bichas". Despreza o homem que assume a "condição feminina", pois esta é para ele a abominação e a inferiorização máxima. É decadência qualitativa. Isso tudo, é claro, não é feito de modo consciente, há absolutamente pronto um

processo ideológico de construção do machismo. Em outros níveis torna-se violento. Reprime e controla a mulher, bate e mata. Só confia em homens, que possuam o sexo que ele ostenta, ridiculariza a mulher que dirige no trânsito e sempre desconfia das mulheres que se encontram em alguns postos proeminentes. Quer transar todas as mulheres mas acha que o mundo anda desgovernado, não há mais "moral". Para casar, ainda prefere que a esposa seja virgem. (NUNES, 1987, p.30).

Dito isto é possível analisar a imagem do machista, que tem uma ideia de que é superior apenas por ser homem e usar isso como pretexto para humilhar, maltratar, abusar, de certa forma é difícil acreditar que ainda hoje existam pessoas que acreditam serem superiores a outras e acreditando nisso que elas têm direito de controle e decisão sobre a vida de outras. Este é um pensamento que deve ser abolido, necessita-se de muito debate e conscientização a cerca do tema, pois o Machismo mata diariamente, infelizmente o assunto ainda é muito naturalizado, disfarçado de inocente seja com piadas, cantadas, que se transformam em assédio, violência e morte.

De acordo com Spitzner (2005, *apud*. NUNES, 2014) os movimentos sociais que foram iniciados no começo do século XX, como por exemplo, a luta da mulher pela conquista do direito ao voto, a reivindicação feminina pelo acesso à Universidade e a vida profissional, e também a 1ª Guerra Mundial, ocasionou uma nova configuração da sociedade, determinada particularmente pelo crescimento da tecnologia, que estimulava o consumo, "ao homem cabia o ter e não o ser". Corroborando com esse pensamento Nunes diz:

O capitalismo inaugura um progresso enorme ao nível das comunicações que agora são o novo aparelho ideológico de enquadramento das massas consumidoras, cria-se a "aldeia global" onde todos se sentem integrados. De diversas formas explodem os movimentos de contestação: os jovens, o rock, os grupos feministas, negros, homossexuais... Em todos estes movimentos estava presente a libertação sexual, que era símbolo e matriz de outras liberdades exigidas. Mas o capitalismo apreendeu a sexualidade como o grande grito e a incorporou à sua máquina de consumo: toda a propaganda passa a falar de sexo, a estimular e referir-se aos anseios sexuais de nosso tempo. Até mesmo as coisas mais simples são vendidas com o distintivo do sexo. A luta da mulher é estigmatizada e a mulher é a "garota propaganda" do consumismo. Seu próprio corpo é consumido. (NUNES, 1987, p.30).

Assim é possível compreender novamente a sexualidade sendo interferida pelo poder social, o capitalismo se apodera deste movimento de libertação para garantir

cada vez mais lucro. De acordo com Duarte (2014), depois da metade do século XX, o sexo passa a ser mercadoria, há uma enorme produção de produtos referentes ao sexo, além da indústria pornográfica e de exploração sexual. E a mulher nesse cenário passa a ser tratada como objeto sexual, figura especialmente imposto pela mídia, que retrata seu corpo como perfeito, usando como tática para as indústrias venderem e lucrarem. A autora ainda comenta:

Vivemos atualmente em uma sociedade complexa, pois ao mesmo tempo em que conseguimos vencer a repressão sexual exercida na época Medieval, que lutamos pelos direitos da mulher e criamos movimentos de liberdade sexual, nos prendemos a valores disseminados pelas mídias, além disso, estamos formando jovens e adolescentes com pouca ou nenhuma capacidade crítica e autônoma de pensar a respeito do próprio corpo e da sexualidade, fatores essencialmente importantes tanto para a o indivíduo quanto para as interações sociais. (DUARTE, 2014, p.18).

A mídia influencia bastante a opinião das pessoas e infelizmente em sua maioria para o lado negativo, seja objetificando a mulher como mercadoria, produto, ou seja, culpando ela pelas violências que sofre, atualmente hoje há a culpabilização da vítima ao invés do verdadeiro culpado.

Outro ponto que precisa ser debatido é sobre a Educação Sexual que é extremamente necessária na sociedade atual pois muitas pessoas ainda tratam a sexualidade como um tabu, e isso necessita ser revisto pois é natural e parte da vida humana, deve ser tratado com responsabilidade e com o compartilhamento de informações e conhecimento, não se pode tratar a sexualidade como um segredo em que não se pode tocar no assunto, só assim se terá mais compromisso com aqueles que estão descobrindo essa área.

De acordo com Duarte (2014) há vários tipos de Educação Sexual: formal e informal. “Ao se desenvolver em local específico, com finalidade, intencionalidade e objetivos demarcados a Educação Sexual ganha caráter formal. Um dos aspectos que delimitam a Educação Sexual formal é a sistematização de tal processo.” (WEREBE, 1998, *apud*. NUNES, 2014, p.21).

Sabendo disto, é necessário fazer um breve resumo histórico da educação formal na sociedade. No do final do século XVIII, o propósito era reproduzir os “bons costumes” da época, segundo a autora existia nesse período uma grande preocupação em relação às posturas dos jovens, como, por exemplo, a exibição de partes do corpo, a masturbação e o consumo de bebidas alcólicas. “É com o papel

de repressora e com a finalidade de combater os comportamentos sexuais tidos como incorretos ou inadequados que a Educação Sexual inicia sua presença nas escolas.” (DUARTE, 2014, p.22).

A partir do século XIX esse assunto toma um cunho medicinal, segundo a autora citada acima a educação sexual tem como finalidade prevenir doenças visto que o sexo nesse período é tratado como ameaça à saúde pública.

O discurso médico apregoava que, se o sexo não fosse contido poderia, não só ameaçar o indivíduo, mas as gerações futuras com doenças como o raquitismo, esgotamento nervoso, comprometendo a sociedade. Assim, o homem seria o responsável pela saúde do povo. (SPITZNER, 2005, p.115, *apud.* NUNES, 2014, p.22).

Ainda de acordo com Duarte (2014) no Brasil a Educação Sexual só foi oficialmente institucionalizada, apenas por volta de 1960, graças aos vários movimentos sociais e políticos que aconteceram neste período. Nota-se que nesta época houve transformações pertinentes dentro da sociedade, especialmente nas escolas, no que diz respeito à Educação Sexual, pois embora a mesma sendo proposta, encaixava-se no ensino concepções e princípios como afirma Guimarães:

O objetivo dessa abordagem não era apenas informar, mas formar conceitos e valores, de modo a levar o adolescente a ter parâmetros para “opções conscientes e coerentes” com o conceito de homens e sociedade que a proposta educacional buscava desenvolver. (GUIMARÃES, 1995, p.64, *apud.* NUNES, 2014, p.23).

Em conformidade com Nunes (1987) ao analisar os pontos apresentados, percebemos que há a urgência em introduzir a Educação Sexual nas escolas de forma qualificada, proporcionando assim a aprendizagem dos alunos a cerca da sexualidade, pois desse modo se tornará um adulto consciente em relação a esse tema, tendo duas dúvidas e questões esclarecidas, tratando o assunto de modo consciente e responsável.

A educação sexual informal é marcada segundo Werebe como:

Todas as ações, deliberadas ou não, que se exercem sobre um indivíduo, desde seu nascimento, com repercussão direta ou indireta sobre suas atitudes, comportamentos, opiniões, valores ligados à sexualidade. Podemos verificar que tal ação ocorre de maneira não sistematizada e não intencional. (WEREBE, 1998, p.139, *apud.* DUARTE, 2014, p.19).

Um dos meios da Educação Sexual informal ocorrer é pela família, e como diz Werebe (1998, *apud.* NUNES, 2014, p.19): “A ação da família é a mais importante e talvez, a mais decisiva sobre a formação e desenvolvimento e opiniões, atitudes e comportamentos no domínio da sexualidade da criança e dos jovens”. Analisando assim, a Educação Sexual que ocorre na família será projetada de múltiplas maneiras, conforme os costumes sociais nos quais os sujeitos estão introduzidos e das opiniões que conduzem o grupo.

Ainda segundo os pensamentos de Nunes (2014), a Educação informal não se restringe apenas a família, resulta também dos grupos sociais, como: amigos, mídia, igreja, comunidade, que exercem, simultaneamente com a família, a função de propagar os papéis sexuais que serão incorporados pelas crianças e adolescentes. A mídia tem um alto grau de influência, visto que divulga inúmeras ideias em relação à sexualidade, varias vezes de modo indireto e subliminar:

Conhecemos o forte poder da mídia, em influenciar as relações sociais e ditar padrões, muitas vezes denigrativos, partindo do ponto que os filmes e telenovelas veiculam valores, normas de conduta, apresentam modelos masculinos e femininos idealizados, segundo os cânones de beleza, os estereótipos de feminilidade e de masculinidade. Estes modelos, em regra geral, não correspondem à realidade que vivem as crianças e os adolescentes. (WEREBE, 1998, p.151, *apud.* NUNES, 2014, p.20).

Ao identificarmos tal aspecto é necessário que quando nos deparamos com as informações propagadas pela mídia que sejamos capazes de ter um olhar crítico sobre, pois assim seremos aptos para distinguir e questionar os argumentos nela veiculados, pois a educação sexual aparece assistida por muitos fatores sociais que a formam, isto é, ela é constituída de acordo com os princípios e os valores estabelecidos pelo grupo no qual se desenvolve.

No capítulo seguinte será analisado como essa sexualidade vem sendo mostrada nos artigos científicos que tratam de sexualidade do idoso.

CAPITULO 3. CAMINHOS METODOLÓGICOS

3.1 METODOLOGIA

O objetivo deste trabalho foi de realizar uma pesquisa qualitativa, por meio da pesquisa bibliográfica, por entender que essa vem para descrever a complexidade de determinado problema, sendo necessário compreender e classificar os processos dinâmicos vividos nos grupos, contribuir no processo de mudança, possibilitando o entendimento das mais variadas particularidades dos indivíduos. (DIEHL, *apud*. DALFOVO; LANA; SILVEIRA, 2008).

Na perspectiva de pesquisa qualitativa segundo Godoy, um fenômeno pode ser melhor compreendido no contexto do qual é parte, devendo ser analisado numa perspectiva integrada. Por isso o pesquisador vai a campo buscando captar o elemento em estudo a partir do ponto de vista das pessoas envolvidas, considerando todos os pontos de vista relevantes. Vários tipos de dados são coletados e analisados para que se entenda a dinâmica do fenômeno.

A abordagem qualitativa, enquanto exercício de pesquisa, não se apresenta como uma proposta rigidamente estruturada, ela permite que a imaginação e a criatividade levem os investigadores a propor trabalhos que explorem novos enfoques. Nesse sentido, acreditamos que a pesquisa documental representa uma forma que pode se revestir de um caráter inovador, trazendo contribuições importantes no estudo de alguns temas. Além disso, os documentos normalmente são considerados importantes fontes de dados para outros tipos de estudos qualitativos, merecendo portanto atenção especial (GODOY, 1995, p.21).

Ainda de acordo com o pensamento de Godoy, a abordagem qualitativa oferece três diferentes possibilidades de se realizar pesquisa: a pesquisa documental, o estudo de caso e a etnografia. Para a construção desse trabalho foi escolhida a pesquisa documental. Geralmente é dito que o trabalho de pesquisa envolve sempre o contato direto do pesquisador com o objeto de estudo, e não é lembrado que os documentos constituem uma vasta fonte de dados.

A análise de diversos materiais constitui o que estamos denominando pesquisa documental. Os documentos que podem ser usados nesse tipo de pesquisa são jornais, revistas, diários, obras literárias, científicas e técnicas, cartas, memorandos, relatórios, entre outros. Outro ponto positivo desse tipo de pesquisa é

que permite acessar informações às quais não temos acesso físico. Segundo Martins, “Se há uma característica que constitui a marca dos métodos qualitativos ela é a flexibilidade, principalmente quanto às técnicas de coleta de dados, incorporando aquelas mais adequadas à observação que está sendo feita”.

Será usado também o método dialético crítico e a análise de conteúdo segundo Bardin que a define como:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens. (BARDIN, 1977, p.27).

Para Bardin (1977) a análise de conteúdo de mensagens tem uma função heurística (espaço inicial): A análise de conteúdo enriquece a tentativa exploratória, aumenta a propensão à descoberta; uma função de administração da prova: Hipóteses sob a forma de questões ou de afirmações provisórias servindo de diretrizes apelarão para o método de análise sistemática para serem verificadas no sentido de uma confirmação ou de uma informação; é a análise de conteúdo para “servir de prova”.

Já o método crítico método dialético é uma possibilidade de caminho na construção do saber científico no campo das ciências humanas. Ele torna-se a trajetória percorrida pelo sujeito (pesquisador) na busca de conhecer e perceber-se na construção desse conhecimento do objeto (fenômeno investigado) que se constrói e desconstrói nas interações entre o sujeito e o objeto.

O método dialético marxista consiste em analisar o todo feito de pedaços, cuja autonomia e individualidade condicionam uma contradição e um conflito, que, por sua vez, estão na base da dinâmica da vida material e da evolução da ciência e da História. A ciência para Karl Marx não é uma coisa feita, ela tem uma história que se perpetua, mas também é um dever. Nesse caso, para se compreender a ciência necessita-se de buscar o estudo do passado científico como suporte e base do novo, a ser descoberto (DINIZ; SILVA, 2008, p.05).

De acordo com Pires “O método dialético que Marx desenvolveu, o método materialista histórico dialético, é método de interpretação da realidade, visão de mundo e práxis⁸”.

Segundo Zago, evidenciando as relações estabelecidas pela sociedade, a dialética torna possível a revolução do *status quo* por possibilitar a compreensão de que o mundo é sempre resultado da práxis humana, seja ela marcada por relações de dominação que fazem da prática social uma coisa, um objeto, seja marcada por relações que operam a humanização das pessoas. Ao perceber que os objetos não devem sujeitá-los, a sociedade avança de encontro à reificação, alçando-se a possibilidade de revolucionar suas condições de existência, desse modo, a realidade social se concretiza por meio das condições de produção e reprodução da existência social das pessoas, que é em nossa sociedade marcada pela luta de classes. Desse modo pode ser visto a importância desses métodos para a pesquisa, e analisando os dois métodos, é possível ver que os dois se complementam e não se contrapõem, pois cada um traz suas características e assim conseqüentemente maior riqueza de informações para a pesquisa.

3.2 ARTIGOS

Durante o levantamento dos dados da pesquisa realizada para este trabalho de acordo com Queiroz *et al* a sexualidade é uma dimensão própria de cada pessoa, presente em todos os aspectos da vida, inclusive na velhice e influencia, particularmente, o jeito de cada um se manifestar, comunicar, sentir e expressar.

Pode ser vista enquanto identidade, explicitada na forma como o indivíduo estabelece a relação consigo e com o mundo, e está presente desde antes do nascimento até o momento da morte. É parte integrante da personalidade do ser humano e seu desenvolvimento se completa enquanto necessidade humana básica, como o desejo de contato, intimidade expressão emocional, prazer, amor e carinho. (MORAES *et al*, 2014, *apud*. QUEIROZ *et al*).

Ainda segundo as autoras, há uma falhana que se refere às ações de promoção da saúde de idosos a respeito da sexualidade. A falta do olhar

⁸ O conceito de práxis de Marx pode ser entendido como prática articulada à teoria, prática desenvolvida com e através de abstrações do pensamento, como busca de compreensão mais consistente e conseqüente da atividade prática - é prática eivada de teoria.

direcionado para essa temática tem gerado grandes consequências físicas e psíquicas nos idosos. Precisa-se de diálogo claro sobre a sexualidade com os mesmos. As barreiras sobre esse tema somente inclina os indivíduos a reforçarem os tabus que existem e a efetivar a vulnerabilidade de idosos, frente a fortalecer a problemas psíquicos e físicos (as doenças sexualmente transmissíveis) por falta de informações e debate sobre a vivência da sexualidade enquanto prática importante do envelhecimento saudável.

Desse modo é preciso estar ciente que esse assunto ainda necessita bastante de diálogo e de compartilhamento de informações pois afeta a vida dos idosos em vários aspectos, e a tomada de consciência de que a sexualidade faz parte do indivíduo durante grande parte da sua vida e que a fase idosa é apenas mais uma fase e a sexualidade não deve ser reprimida a essa etapa da vida.

Os resultados e discussões deste artigo citado revelaram que o material recolhido na pesquisa apontou amor, respeito e carinho como elementos centrais que sustentam e organizam a representação social da sexualidade na terceira idade construída pelo grupo estudado com bases na Teoria das Representações Sociais. O sexo aparece como elemento secundário tendo alta frequência de recordações, porém não enunciados prontamente, mostrando não representar o aspecto mais importante para o idoso. Aspectos relacionados à sexualidade dos idosos devem ser melhor trabalhados, estimulando os profissionais refletirem sobre os mecanismos que geram valores e atitudes em relação à temática.

Outro artigo que aborda o tema da sociedade enxergar o idoso como assexuado é o de Alencar *et al* que diz que:

A sexualidade quando relacionada ao envelhecimento traduz mitos e tabus, resultando na concepção de que idosos são pessoas assexuadas³. A sexualidade do idoso deve ser compreendida partindo do princípio de que ela se compõe da totalidade deste indivíduo, devendo ser considerado o seu sentido holístico. Sendo, portanto, não somente fator biológico, como também biopsicossociocultural. Face ao aumento contínuo da população idosa e da necessidade de cuidados que visualizem a promoção da sua qualidade de vida, são necessários estudos na área do envelhecimento, que abordem não apenas o aparecimento das doenças, como também temáticas que considerem o idoso em toda sua identidade humana, incluindo a sua sexualidade. (ALENCAR *et al*, 2014, p.3534).

De acordo com as autoras citadas acima a análise dos elementos que interferem na vivência da sexualidade dos idosos, sem conceitos pré fabricados e censuras, comuns nessa faixa etária, deve ser estimulada nos espaços sociais e no campo científico, tendo por protagonista do processo educativo os profissionais de saúde, o estudo tem como objetivo analisar as evidências científicas dos últimos seis anos que retratam os fatores que intervêm na sexualidade dos idosos.

Segundo o estudo das autoras a percepção que a sociedade tem acerca da prática sexual na terceira idade ainda se dá na ideia de que a pessoa quando alcança a fase da velhice deixa de ser sexual, se tornando a assexual. “O significado da sexualidade se reduz, em sua maioria, ao órgão genital e ao coito, reduzindo-o para a atividade sexual. Nessa fase da vida, a ausência do companheiro fixo delimita para alguns idosos como o fim das práticas sexuais”. (ALENCAR *et al*, 2014).

Porem é importante lembrar que a sexualidade não é se dá somente pelo ato sexual e o sexo nem sempre significa penetração, é necessário separar a genitalidade de sexualidade.

Seguindo os pensamentos das autoras, à medida que o corpo não responde mais ao desejo, são necessárias adaptações sexuais e ajudam na expressão da sexualidade em idosos.

Ao considerar a sexualidade em sua denominação, deve-se compreender e esclarecer aos idoso que mesmo na ausência de parceiro, a busca pelo prazer pode ser obtida por outras formas e que sua identidade sexual não se estabelece pela presença do outro. Os fatores que podem interferir na expressão da sexualidade ou no ato sexual transcorrem pelos aspectos individuais, fisiológicos e sociais, e apesar das limitações que podem ocorrer na velhice, a satisfação sexual ainda pode permanecer. (ALENCAR *et al*, 2014, p.3539).

As autoras ainda afirmam que as dificuldades na aceitação da sexualidade nessa fase podem decorrer tanto pela falta de informação como no conceito de que a sexualidade esteja limitada a genitalidade, concepção essa que existe entre os idosos e a sociedade.

É nítido que a sociedade em geral ainda vê a sexualidade nessa fase da vida como algo não natural, porém é preciso parar para analisar, pois todo idoso um dia foi um adulto sexualmente ativo e não seria por que entrou nessa fase da vida que deve parar apenas por preconceitos e definições de outras pessoas que não estão vivendo essa fase.

A educação em saúde vem a ser a estratégia na construção de conceitos que visualizem o idoso como indivíduo livre para vivenciar sua sexualidade desprendida de mitos e preconceitos que se solidificaram socialmente, sendo necessário considerar que essas ações educativas devem envolver idosos e não idosos, pois o envelhecimento é inerente ao ser humano e questões sobre a sexualidade precisam ser discutidas no percurso de todas as etapas da vida. Portanto, a sexualidade permanece em construção ao longo da trajetória do ser humano, e frente a este processo, destaca-se o papel do enfermeiro como educador, inserindo a educação em saúde nos espaços de atuação profissional, no que se refere à educação sexual. (ALENCAR *et al*, 2014, p.3541).

No estudo das autoras citadas acima foi possível analisar que além das alterações fisiológicas que o corpo mostra com o passar dos anos e que podem intervir na prática sexual, a cultura da assexualidade e o preconceito social com os mais velhos contribui para a construção do estereótipo que a sexualidade está destinada apenas aos mais jovens, reprimindo em idosos seus desejos e vontades no campo sexual.

A análise dos estudos permitiu visualizar os elementos que interferem na sexualidade do idoso, citando a importância da educação sexual dos mais velhos, com o propósito de contribuir, através de atividades educativas, para a desmistificação que passa pelo exercício da sexualidade da população idosa.

Outro artigo utilizado para esta pesquisa foi o de Vieira *et al* (2016) que ressaltam que a velhice que é bem sucedida esta ligada à boa saúde física e mental, atividade e envolvimento com a vida.

São também reconhecidos os efeitos potencializadores das vivências sexuais, uma vez que a sexualidade pode ser compreendida como uma atividade que contribui positivamente para a qualidade de vida da pessoa idosa. Trata-se de um processo natural que obedece a uma necessidade fisiológica e emocional do indivíduo e que se manifesta de forma diferenciada nas diferentes fases do desenvolvimento humano. Visa o prazer, o bem-estar, a autoestima e a busca de uma relação íntima, compartilhando o amor e o desejo com outra pessoa para criar laços de união mais intensos. (MAYOR; ANTUNES; ALMEIDA, 2009, *apud*. VIEIRA *et al*, 2016, p.198).

Se é um fato que a sexualidade traz benefícios e colabora para o aumento da qualidade de vida da pessoa idosa não há motivo para parar de se exercer sua sexualidade que como já foi abordado antes não se restringe ao ato sexual assim um fator extremamente necessário é a educação sexual tanto para que os jovens já cresçam cientes que a pessoa idosa não é assexuada e também para os idosos que

em razão de conceitos formados pela sociedade não acham que precisam de sexualidade em suas vidas.

Tal fato é extremamente prejudicial aos idosos, haja vista que a sexualidade é um componente fundamental da qualidade de vida, essencial para manter as relações interpessoais saudáveis, o autoconceito e um senso de integridade. Está ligada ao senso de autoestima e, se negada, pode ter efeitos deletérios não só sobre a sexualidade em si, mas também em uma autoimagem, relações sociais e saúde mental. (BAUER; MCAULIFFE; NAY, 2007, *apud*. VIEIRA *et al*, 2016, p.198).

De acordo com Vieira *et al* ainda que o envelhecimento seja objeto de pesquisas nas mais variadas áreas do conhecimento científico, no que se refere à temática da sexualidade nota-se a insuficiência de estudos. Em sua maioria, os estudos que existem trata de questões sobre disfunções e mudanças no funcionamento sexual do homem e da mulher, trazendo poucas reflexões a respeito da forma como os idosos têm enfrentado emocionalmente com sua sexualidade.

Ainda segundo o pensamento de Vieira *et al* (2016) identificar as representações sociais acerca da sexualidade é compreender as formas que as pessoas utilizam para criar, transformar e interpretar esse construto vinculado à sua realidade. Compreende-se, portanto, que apreender as representações sociais dos idosos acerca da sexualidade na velhice significa compreender uma interpretação da realidade vivida e falada por esse grupo social, que direciona comportamentos e comunicações.

Sobre os resultados do estudo feito de modo total, os sujeitos sociais revelaram compreensão a respeito da sexualidade, e também aceitação das atividades sexuais na velhice, ainda que alguns tenham destacado a visão negativa da sociedade acerca dessa realidade. Foram expostas mudanças tanto negativas quanto positivas resultantes do processo de envelhecimento, assim como destacada a importância dos idosos vivenciarem sua sexualidade de maneira saudável e prazerosa. Os conceitos dos idosos em relação à sexualidade foram mediados de conhecimentos resultantes do senso comum, relacionados com experiências de vida dos mesmos.

Outro artigo usado para este trabalho aborda a questão da sexualidade e gerontologia, segundo Lima e Silva *et al* (2009) “no campo da sexualidade, a Gerontologia não se distancia de seu caráter regulador, pois pode fornecer modos

de regulação tanto dos corpos individuais, quanto dos comportamentos da população”.

De acordo com Lima e Silva *et al* (2009) para alguns autores, o conhecimento gerontológico sobre a temática da sexualidade é o sucessor da sexologia, no seu caráter prático e intervencionista. Segundo Lima e Silvades de o seu início, a sexologia tem se baseado num essencialismo sexual focado na biologia e essa forma de ver a sexualidade, se entende como uma construção humana e traz em si a possibilidade de modificação das desigualdades por meio da ação intencional e de iniciativas políticas progressistas.

Frequentemente, a intervenção gerontológica objetiva otimizar o exercício da sexualidade entre os idosos, dentre as suas limitações nas várias dimensões da vida. A velhice instauraria uma nova concepção de sexualidade, como algo mais amplo que o coito penetrativo. Ainda assim, este conhecimento geronto-sexológico se utiliza muito mais de dados empíricos de frequência sexual e dos conceitos de fisiologia sexual não encarando, efetivamente, a sexualidade de forma ampliada. Este fato pode ser consequência da chamada ausência de um conceito de variedade sexual benigna. Se há um conceito comum de que há uma forma de fazer sexo melhor do que as outras e que todos deveriam se esforçar para fazê-lo apenas desta maneira, dificilmente irá se desenvolver uma ética sexual pluralista. Assim, os indivíduos resistiriam a essa possibilidade de mudança em sua sexualidade, reforçando a ideia de perda provocada pela velhice. Isto também explicaria a ausência quase completa de menção a práticas sexuais não-hegemônicas, como as homoeróticas, nos textos gerontológicos sobre a sexualidade. (LIMA; SILVA *et al*, 2009, p.301).

Neste cenário os autores assumem o posicionamento político a favor da liberdade dos indivíduos para continuar ou não a atividade sexual após os 60 anos, com qualquer significado que esta possa ter para eles, independente dos princípios culturais construídos, defendem que tanto a produção acadêmica, quanto as intervenções propostas, possam ser pautadas no respeito ao pluralismo que a sexualidade encerra e que os gerontólogos e geriatras contribuam, individual e coletivamente, para propor mudanças em padrões culturais sexualmente opressores.

Outro artigo usado para a elaboração desse trabalho fala sobre o significado de envelhecer para homens e mulheres, as autoras afirmam que como aumento do número de idosos no Brasil e no mundo está sendo aceleradas pelo avanço das tecnologias na área da saúde, formas de tratamento e prevenção das doenças,

controle das doenças infectocontagiosas e parasitárias, atrelado ao aprimoramento das condições sociais e econômicas.

Neste contexto de mudanças, o paradigma econômico passa a ter um valor fundamental na sociedade. Conciliado com o paradigma biológico que diz que o velho está em fase de degeneração, sem condições de continuar produzindo para ser útil ao sistema, a velhice passa a ocupar um lugar desprestigiado e marginalizado. Na velhice a pessoa perde seu valor social, pois já não é mais produtora de riquezas. (PLONER *et al*, 2008, p.142).

Caldas (1997, *apud*. PLONER *et al*, 2008, p.124), salienta que a velhice também é extinção de poder; que “o cidadão é velho não apenas porque seu organismo está em processo de declínio biológico, mas sobretudo porque assim é decretado”. A mesma autora adverte para o fato de que não existe uma velhice, mas sim “uma velhice masculina e outra feminina; uma dos ricos e outra dos pobres; uma do intelectual, outra do funcionário burocrático, ou do trabalhador braçal”. (CALDAS, 1997, *apud*. PLONER *et al*, 2008, p.125).

Segundo o estudo realizado pelas autoras notamos uma discordância entre a definição de velhice relatada e o movimento de envelhecimento das pessoas. Essa contradição é decorrente do afastamento entre a representação social da velhice, referente à doença, morte, asilo, dependência, em discordância ao conceito de velhice, historicamente desenvolvido, o dia a dia do idoso pode ser marcado também por interações positivas, pela estruturação de realizações e felicidade. No que se refere às questões de gênero, a velhice de mulheres e homens é vivenciada com algumas diferenças e semelhanças.

Foi possível visualizar nesse estudo que a mulher obtém sua liberdade à medida que sua sexualidade deixa de ser controlada pela sociedade, esta liberdade proporciona a exploração e aquisição do lazer por meio da introdução em grupos de terceira idade. Percebe-se que os grupos de terceira idade são formados, em sua grande maioria, por mulheres, que têm, como característica, uma grande parte de viúvas, já o homem com a chegada da aposentadoria se depara com uma nova realidade, a diminuição considerável de suas atividades dá lugar ao lazer. Nota-se que o lazer é um ponto semelhante entre homens e mulheres.

Consideramos necessário abordar as diferenças entre a velhice do pobre e a velhice do rico: ambos se aposentam, mas em condições sociais desiguais. As camadas populares, além de experiências, acumulam necessidades e na velhice sua renda não é compatível

com as suas necessidades de cuidados com a saúde e não favorecem as inserções no lazer. Já as camadas superiores conseguem suprir a saúde e suas inserções no Jazer são mais abrangentes. Acontecimentos da vida, como doenças e morte, geralmente são associadas à velhice por questões culturais, mesmo sendo parte da vida em todas as idades. Porém, é como se pertencessem apenas aos velhos e quando uma criança ou jovem fica doente ou morre é visto como uma fatalidade. (PLONER *et al*, 2008, p.156).

Segundo as autoras citadas acima as temáticas das entrevistas foram orientadas por esses temas, apesar da pergunta dirigida aos entrevistados ter sido sobre o que é envelhecer como homem ou mulher. Quando se deparam com um momento da vida em que estão se divertindo, se sentindo feliz, tendo lazer sem ter como preocupação básica as doenças ou a morte, as pessoas não se sentem velhas. Assim fica o questionamento: velhice é uma questão de sentimento?

Outro artigo utilizado analisa que a assistência ao idoso vem avançando notadamente nas últimas décadas, especialmente graças ao aumento da expectativa de vida da população e diminuição da taxa de natalidade, o que propiciou um aumento no número de idosos na população brasileira.

De acordo com Moraes *et al* (2011) com a velhice chegam diversos desafios, como as alterações físicas, que tornam o organismo mais susceptível às doenças e às alterações psicológicas, que podem trazer o medo, a depressão e o isolamento social. Esse cenário geralmente dificulta a aceitação do envelhecimento e ainda é agravado pelas imagens estereotipadas ligadas à velhice.

Entre os mitos e estereótipos encontra-se o de que o idoso não mais vivencia sua sexualidade, como se o envelhecimento carregasse consigo o desinteresse pela vida e a sexualidade fosse inerente ao jovem. É importante notar que a sexualidade não se resume ao coito, com a única finalidade de procriação, ela vai muito mais além, trata-se de um misto de prazer, comunicação e amor entre duas pessoas como uma forma de conhecimento do seu corpo e do corpo do outro, fortalecendo os laços de união de um casal. Existem outras formas do idoso vivenciar sua sexualidade, como um longo abraço, um beijo carinhoso e carícias. Estes são comportamentos que estão intimamente relacionados com a sexualidade; a intimidade e demonstração de ternura pela pessoa amada; a sensualidade presente nas várias formas de comunicação; um toque de carinho nas mãos, no rosto de quem se gosta; tocar seu corpo e descobrir que ainda existe prazer para ser explorado. (MORAES *et al*, 2011, p.788).

Podemos perceber nitidamente que a sexualidade é parte constituinte da personalidade do ser humano, seu desenvolvimento se completa com a satisfação das necessidades humanas básicas, como o desejo de intimidade, prazer, contato, expressão emocional, amor e carinho.

O estudo das autoras citadas acima teve como objetivo fazer alguns questionamentos, como: O que eles consideram sexualidade? Como eles vivenciam sua sexualidade, visto que na velhice a libido e a atividade sexual diminuem, mas não desaparecem? Existe manifestação de carinho nesses casais idosos? O que mudou em relação à sexualidade no decorrer do tempo de união do casal na terceira idade?

Como resultados desse estudo realizado pelas autoras elas informam que pode ser notada uma diversidade de respostas às perguntas relacionadas à compreensão da sexualidade, que foi exposta através de sentimentos como amor, respeito, carinho, união, amizade ou algo que vai além do ato sexual, foi possível verificar ao falar das transformações ocorridas na união dos casais na terceira idade uma comparação do passado em relação ao presente, com enfoque no vínculo afetivo, que se fortaleceu com o passar dos anos e a continuidade da atividade sexual.

Observou-se, no decorrer do estudo, ao serem questionados sobre a vivência da sexualidade, que a maioria mencionou a diminuição no padrão da atividade sexual devido à idade, patologias, uso de medicamentos ou mesmo à diminuição do desejo, embora também tenha se manifestado a permanência do amor e da união em uma relação duradoura mesmo com a ausência do ato sexual. Detectou-se que a manifestação de carinho permaneceu na maioria dos entrevistados, apesar de alguns não exercerem a atividade sexual por considerarem que isso é impróprio para eles. (MORAES *et al*, 2011, p.797).

Desse modo podemos ver que a relevância desta pesquisa se mostra à medida que expõe as modificações que ocorrem na sexualidade no mundo dos idosos. É importante que os profissionais de assistência e saúde possam cuidar dos idosos, considerando as questões relacionadas à sexualidade. Dessa forma, teremos profissionais sensibilizados com a assistência à saúde sexual do casal idoso, o que proporciona uma prática de cuidados livre de julgamentos e preconceitos.

Outro importante estudo analisado para este trabalho traz as narrativas do envelhecimento, ser velho na sociedade contemporânea, que tem como proposta analisar discursos de homens e mulheres colocados de frente com o seu próprio processo de envelhecimento, procurando analisar quais as sensações individuais do “ser velho” e quais as principais dimensões ligadas à transição para a velhice, tenta compreender como homens e mulheres se sentem perante o inevitável processo de envelhecimento e como são suas vidas e identidades afetadas pelo simples fato de envelhecerem.

No estudo de Aboim (2014) ela aborda o tema dos idosos institucionalizados, que vivem em lares para a terceira idade, a descrição do processo de envelhecimento se torna ainda mais difícil ligada a uma solidão que se associa a perda de autonomia e de atividade, embora possa haver um discurso de aceitação e até se possam enumerar as vantagens relativas da vida num lar, essa aceitação esconde mágoas que aparecem, de forma mais ou menos implícita, a ideia de uma espera acompanhada, mas ainda assim uma espera solitária da morte que virá um dia, acolhendo aqueles que a família, a doença e as condições sociais afastaram de uma cidadania plena, marca os discursos dos idosos. “Todos preferiam poder manter a sua autonomia e apanhar as pontas da vida que tiveram num passado mais ou menos distante.”

O abandono da família ao idoso é um ponto de extrema importância de ser debatido, pois é um dos fatores que mais prejudica o bem estar e auto estima da pessoa idosa que pode até interferir em sua saúde, pois esse sentimento de ser deixado de lado é muito forte em todo aquele que foi abandonado, é preciso educar as famílias e informar que essa atitude não traz uma boa qualidade de vida para o idoso.

No que se refere a sexualidade a autora relata:

Existe também um lado subjetivo que importa desvelar e que faz emergir, num registro mais interacionista e microanalítico, as diferenças nas formas de cada indivíduo interpretar e lidar com o envelhecimento, reconstruindo a visão de si. O corpo e a sexualidade, o trabalho e a inserção ativa na sociedade, a percepção do olhar dos outros e as dificuldades trazidas pelo isolamento formam um conjunto de tópicos fundamentais para entender as visões das pessoas idosas sobre a sua própria velhice. Nesse sentido, uma perspectiva de curso de vida que permita outorgar aos indivíduos idosos uma posição enquanto atores sociais devem fazer parte, como se tem argumentado, de uma sociologia do

envelhecimento que dê voz a cada indivíduo, em cuja história procurem pontos comuns e também formas, mais ou menos individualizadas, de enfrentar o passar dos anos. Em suma, a velhice não constitui apenas um problema a resolver, mas também um grupo e um processo com dinâmicas próprias, cujo entendimento é muito importante em sociedades cada vez mais envelhecidas. (ABOIM, 2014, p.227).

Desse modo é possível notar que é uma série de fatores que colabora para uma melhor qualidade de vida e bem estar do idoso se ele se sente útil, parte de um todo, mais ele sente livre para encontrar um modo de conviver com sua sexualidade e quando mais se sente bem maior o bem estar da sociedade que a cada dia mais tem mais idosos.

Mais um estudo analisado para esta pesquisa vem mostrar a importância atribuída ao sexo por idosos do município de Porto Alegre e associação com a auto percepção de saúde e o sentimento de felicidade, segundo Bastos *et al* (2012) na cultura brasileira, vários mitos e atos sociais são atribuídos às pessoas idosas, dificultando a expressão da sexualidade em suas vidas. Segundo a psicogerontologia, a experiência do envelhecimento é extensamente influenciada pela concepções culturais.

Que traz novamente o conceito de assexualidade, que a terceira idade é uma fase que não necessita mais de usufruir de sua sexualidade influenciada por aqueles que estão a sua volta. É importante lembrar que a sexualidade esta presente em todas as fases do desenvolvimento, a função sexual continua por toda a vida, mesmo no envelhecimento, embora a sexualidade sob a perspectiva da vivência e o envelhecimento seja vistos como incompatível.

Embora o processo de envelhecimento passe por mudanças físicas, bioquímicas e funcionais que podem exercer influência no sentido de reduzir a atividade sexual, muita idosos ainda apresentam importante interesse sexual aos 70, 80 e mesmo 90 anos de idade. No entanto, esse interesse pode ser manifestado de outras formas, como carinhos, toques e companheirismo. Sendo os idosos um percentual expressivo de usuários do sistema de saúde, é importante que os profissionais de saúde questionem sobre a vida sexual desses indivíduos, para que se sintam confiantes e possam receber orientação, vislumbrando melhor qualidade de vida. Vale salientar que os profissionais de saúde não têm ainda, na rotina diária, o hábito de questionar aspectos ligados à sexualidade dos idosos. (BASTOS *et al*, 2012, p.94).

Estudos abordando o tema sexualidade ainda são escassos na literatura, com poucas abordagens a esta temática, inclusive no Brasil. Dessa forma, investigações se fazem necessárias, visto que ainda existem preconceitos em torno desse assunto, tanto por parte dos profissionais, pela sociedade quanto pelos próprios idosos.

Mais um estudo analisado para esta pesquisa trata sobre o comportamento para a prevenção de DST/AIDS para o idoso, visto que a população idosa é cada vez mais crescente e cresce também o número de idosos que são sexualmente ativos e conseqüentemente o número de idosos afetados por DSTS, é de extrema importância alertar para doenças sexualmente transmissíveis, esse estudo realizado por Laroque *et al* (2011) foi inovador e muito pertinente pois não há muitos materiais científicos abordando esse tema.

Para tornar possível compreender o comportamento dos idosos é necessário identificar as fontes de informação para prevenção das DST/AIDS a que os sujeitos têm acesso. Os meios de comunicação social como a televisão, o rádio e jornais são suas principais referências, porém, nenhum dos entrevistados mencionou que recebeu orientações diretas ou dialogou sobre o tema com profissionais de saúde da UBS. Estas informações foram transmitidas apenas por meio de material impresso, e não nas consultas e palestras, o que demonstra as fragilidades na atenção à saúde do idoso, no que se refere a sua sexualidade. (LAROQUE *et al*, 2011, p.776).

Segundo as autoras a dificuldade dos profissionais de saúde em falar sobre a sexualidade do idoso é clara, pois conhecimento e comportamento em relação às DST/AIDS são, em geral, direcionados apenas para alguns grupos específicos, que excluem os idosos. Os assuntos sobre a sexualidade nessa população, que já não tem preocupação com anticoncepção, são tratados com menor atenção, porém é necessária, pois, a conscientização pela própria equipe de saúde em considerar a vida sexual do idoso como realidade.

Em outras falas podemos perceber a dificuldade manifestada pelos entrevistados em falar sobre a sexualidade, referindo-se como sendo “bobagem”, revelando o preconceito ainda existente, especialmente sobre o uso do preservativo. Assim, alguns dos sujeitos dizem evitar o assunto, possivelmente pelo constrangimento que este traz. Essas concepções, socialmente construídas, tornam mais difícil o acesso dessa população a meios de informação e prevenção. Em alguns dos relatos podemos notar a reserva dos entrevistados em falar sobre DST, demonstrando que o diálogo sobre o tema ainda é velado,

sendo que para alguns dos participantes deve ser confiado apenas a pessoas do mesmo sexo e em sigilo. (LAROQUE *et al*, 2011, p.777).

Pode-se ver que mesmo com o aumento de idosos sexualmente ativos falar sobre esse tema ainda é desconfortável e constrangedor para eles, de acordo com as autoras citadas acima a percepção destes idosos sobre a prevenção se encontra distorcido, havendo a contribuição de fatores socioculturais, conectados a sua história e concepções, exigindo que os profissionais ampliem seus olhares para o indivíduo como um todo, valorizando sua totalidade de vida e adaptando suas orientações.

Uma pesquisa realizada com homens e mulheres sobre o uso do preservativo masculino em suas relações encontrou informações semelhantes, no que se refere às relações conjugais. Os autores relatam que os sujeitos consideraram que o sexo seguro e a prevenção de doenças não estão diretamente ligados ao uso do preservativo, mas à confiança e a fidelidade em seus parceiros, sendo este desnecessário em uma relação em que haja esses sentimentos. (LAROQUE *et al*, 2011, p.778).

A avaliação dos resultados desse estudo evidenciou que os idosos possuem um certo conhecimento sobre as DSTs, e que estes buscam se informar do assunto, o que reforça o papel dos profissionais de saúde como educadores e a necessidade de implementar ações específicas voltadas à saúde do idoso.

As autoras concluem que diante do avanço da ciência voltada para a sexualidade do idoso, aumentou a oportunidade de relacionamentos entre essa população. Estes novos modos de vivenciar o envelhecimento parecem refletir no aumento dos casos de algumas doenças relacionadas ao sexo. Assim se faz necessário que os profissionais de saúde e autoridades criem mais espaços de discussão e mais programas de prevenção ligados ao tema.

Outro aspecto que pode ser observado nos resultados do estudo citado acima é que nenhum sujeito relata algum diálogo com profissionais de saúde sobre sua sexualidade durante as consultas, levando a acreditar que existem barreiras por parte dos profissionais, que provavelmente consideram que o sexo é uma atividade exclusiva da juventude ou que o evoluir da idade encerra as atividades sexuais. Desse modo as autoras esperam que com esse estudo e os resultados apontados, possam contribuir com os profissionais para que vejam a saúde do idoso de uma forma mais ampla, atentando às necessidades desta parcela da população.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho foi elaborado com a finalidade de fazer uma análise de envelhecimento e sexualidade para a pessoa idosa e como a sociedade vê esse tema, perpassando pela história do envelhecer, de como a sociedade olhou durante os anos para a sexualidade e o que falta hoje para a sexualidade do idoso ser visto como algo inerente e importante para o ser humano.

Foi preciso uma análise ao longo da história para compreender melhor o processo do envelhecimento e como afeta os indivíduos que estão entrando nessa fase e também uma breve análise da história da sexualidade ao longo dos anos como a sociedade via a sexualidade como foi transformada ao longo dos anos mas ao mesmo tempo tão igual, e graças a essa retomada fica nítido a causa de alguns estereótipos e preconceitos que ainda permeiam essa temática.

Durante muito tempo, a velhice foi vista apenas como uma fase de enfraquecimento e perdas, contribuindo para a existência de estereótipos e preconceitos em relação à pessoa idosa. Entender o processo de envelhecimento levando em conta apenas os seus aspectos negativos atrapalha a compreensão de elementos importantes que são vivenciados apenas nessa etapa do desenvolvimento, como a experiência, objetivados por uma visão mais abrangente, e global da existência humana.

As metamorfoses pelas quais vem passando o perfil do idoso brasileiro exige uma reestruturação das políticas e serviços sociais e de saúde, onde se faz necessário a construção de novas abordagens, ações (preventivas e terapêuticas) específicas que articulem, dentre outras coisas, sexo, sexualidade e a terceira idade, a fim de contemplar a sexualidade como uma importante dimensão e condicionante da saúde e da qualidade de vida do idoso.

Por fim, foi possível constatar que ainda são poucas as reflexões sobre essa temática e ainda há preconceitos e limitações, seja da sociedade, seja dos familiares do idoso ou dele mesmo que foram construídos e reforçados ao longo do tempo, contudo o debate está evoluindo e crescendo, hoje já se encontram mais materiais abordando esse tema do que há alguns anos atrás.

Foi possível ver também que ficou claro o quanto a sexualidade ativa muda na vida das pessoas, além de trazer auto estima e bem estar traz também a convivência com o outro, em que se criam laços de carinho e amor e também os fortalece, colabora para uma melhor saúde do idoso e melhora sua qualidade de vida, o desejo é que os idosos possam ter mais acesso à informação sobre esse tema para que se livrem de seus próprios preconceitos e usufruam de sua sexualidade com saúde.

Para finalizar é necessário olharmos para os idosos como o futuro de todos nós, que deve haver luta e debate para reforçar e melhorar a qualidade de vida do idoso, em sua autoestima, em sua sexualidade, na saúde, na assistência e em todas as áreas de sua vida, porque se prepararmos um presente digno e um envelhecimento saudável para eles estaremos também preparando nosso próprio futuro.

REFERÊNCIAS

ABOIM, Sofia. **Narrativas do envelhecimento: ser velho na sociedade contemporânea.** Tempo soc., São Paulo, v. 26, n. 1, p. 207-232, June 2014. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702014000100013&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 21 Nov. 2016.

ALENCAR, Danielle Lopes de; MARQUES, Ana Paula de Oliveira; LEAL, Márcia Carréra Campos; VIEIRA, Júlia de Cássia Miguel. . **Fatores que interferem na sexualidade de idosos: uma revisão integrativa.** Ciênc. saúde coletiva, Rio de Janeiro, v. 19, n. 8, pp. 3533-3542, Aug. 2014.

ALMEIDA, T.; LOURENÇO, M. L. **Envelhecimento, amor e sexualidade: utopia ou realidade?** Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia, Rio de Janeiro, v. 10, p. 101-113, 2007. Disponível em: <http://revista.unati.uerj.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-98232007000100008&lng=pt&nrm=iss>. Acesso em: 01 abr. 2015.

AURELIO. **Dicionário do Aurélio Online - Dicionário Português.** 2008-2016. Disponível em: <<https://dicionariodoaurelio.com/>>. Acesso em: 14 jul. 2016.

AQUINO, Rita de Cássia de; ANACLETO, Geovana Mellisa Castrezana; DAWALIBI, Nathaly Wehbe; GOULART, Rita Maria Monteiro; WITTER, Carla. **Envelhecimento e qualidade de vida: análise da produção científica da SciELO.** 2013.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo.** Tradução de Luis Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa. 1977.

BEAUVOIR, Simone de. **A velhice (1908-1986).** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BASTOS, C. C.; CLOSS, V.E.; PEREIRA, A. M. V. B.; BATISTA, C.; IDALÊNCIO, F. A.; CARLI, G. A.; GOMES, I.; SCHNEIDER, R. H. **Importância atribuída ao sexo por idosos do município de Porto Alegre e associação com a autopercepção de saúde e o sentimento de felicidade.** Rev. bras. geriatr. gerontol. Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, pp. 87-95, 2012.

DALFOVO, Michael Samir; LANA, Rogério Adilson; SILVEIRA, Amélia. **Métodos quantitativos e qualitativos: um resgate teórico.** Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau, v.2, n.4, p.01- 13, Sem II. 2008 ISSN 1980-7031.

DINIZ, Célia Regina. SILVA, Iolanda Barbosa da. **Metodologia científica– Tipos de métodos e sua aplicação.** Campina Grande; Natal: UEPB/fUFRN - EDUEP, 2008.
DUARTE, Vanessa. **A Educação Sexual e o Adolescente: Um Novo Olhar Frente ao Desafio.** UEL- Universidade Estadual de Londrina. 2012.

FAVERO, Cintia. **O que é Sexualidade?** Sd. Infoescola. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/sexualidade/o-que-e-sexualidade/>>. Acesso em: 07 de maio de 2016.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. **Educação sexual: como ensinar no espaço da escola.** Linhas, Santa Catarina, v.7, n.1, p.1-21, 2006.

GODOY, Arilda Schmidt. **Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais.** Rev. adm. empres. [online]. 1995, vol.35, n.3, pp. 20-29. ISSN 0034-7590.

IRIGARAY, Tatiana Quarti; SCHNEIDER, Rodolfo Herberto. **O Envelhecimento Na Atualidade: Aspectos Cronológicos, Biológicos, Psicológicos E Sociais.** Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Instituto de Geriatria e Gerontologia. Porto Alegre, RS, Brasil. Estudos de Psicologia dezembro 2008.

LAROQUE, Mariana Fonseca; AFFELDT, Ângela Beatriz; CARDOSO, Daniela Habekost; SOUZA, Gabriela Lobato de; SANTANA, Maria da Glória; LANGE, Celmira. **Sexualidade do idoso: comportamento para a prevenção de DST/AIDS.** Rev. Gaúcha Enferm., Porto Alegre , v. 32, n. 4, p. 774-780, Dec. 2011 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-14472011000400019&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 21 Nov. 2016.

SILVA, Viviane Xavier de Lima e; MARQUES, Ana Paula de Oliveira; LYRA-DA-FONSECA, Jorge Luiz Cardoso. **Considerações sobre a sexualidade dos idosos nos textos gerontológicos.** Rev. bras. geriatr. gerontol., Rio de Janeiro , v. 12, n. 2, p. 295-303, Aug. 2009.

Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-98232009000200295&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 20 Nov. 2016.

LOPES, G. et al. **Sexualidade, envelhecimento e velhice**. In: CANÇADO, Flávio Aluísio Xavier. *Noções práticas de geriatria*. Belo Horizonte: Coopmed, 1994.

LOPES, Júlio de Oliveira. **Gênero, Sexualidade e Corporeidade: Concepções e Crenças de Homens e Mulheres Sobre Sexualidade e Relacionamentos Amorosos**. Brasília-DF, 2014.

MARTINS. Heloisa Helena T. de Souza. **Metodologia qualitativa de pesquisa Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.30, n.2, p. 289-300, maio/ago. 2004.

MORAES, Edgar Nunes. **Atenção à saúde do Idoso: Aspectos Conceituais**. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 2012. 98 p. Disponível em: <<http://apsredes.org/site2012/wp-content/uploads/2012/05/Saude-do-Idoso-WEB1.pdf>>. Acesso em: 02 abr. 2015.

MORAES, K. M.; VASCONCELOS, D. P.; SILVA, A. S. R.; SILVA, R. C. C.; SANTIAGO, L. M. M.; FREITAS, C. A. S. L. **Companheirismo e sexualidade de casais na melhor idade: cuidando do casal idoso**. Rio de Janeiro, 2011.

NEVES, C. F. O. **Estereótipos Sobre Idosos: Representação Social em Profissionais que trabalham com a terceira idade** 2012. p.107.

NUNES, César Aparecido. **Desvendando a Sexualidade**. 5 ed. Campinas: Papirus, 1987.

PIRES, Marília Freitas de Campos. **O materialismo histórico-dialético e a educação**. Interface - Comunic., Saúde, Educ., n.1, pp.83-94, 1997.

PLONER, K. S.; MICHELS, L. R. F.; OLIVEIRA, M. A. M.; STREY, M. N. **O significado de envelhecer para homens e mulheres**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008. pp. 142-158.

QUEIROZ, M. A. C.; LOURENÇO, R. M. E.; COELHO, M. M. F.; MIRANDA, K. C. L.; BARBOSA, R. G. B.; BEZERRA, S. T. F. Social. **Representações sociais da sexualidade entre idosos**. Ver Bras. Enferm. 2015; 68(4):662-7.

RIBEIRO, A. **Sexualidade na terceira idade**. In: NETTO, M. P. Gerontologia. São Paulo: 2002.

VIEIRA, Kay Francis Leal; COUTINHO, Maria da Penha de Lima; SARAIVA, Evelyn Rúbia de Albuquerque. **A Sexualidade Na Velhice: Representações Sociais De Idosos Frequentadores de Um Grupo de Convivência**. Psicol. cienc. prof., Brasília , v. 36, n. 1, p. 196-209, Mar. 2016.

WALENDORFF, Jehmy Katianne. **Educação Sexual - Sexualidade: Antes E Depois**. Bacharel e Licenciada em História pela UNIOESTE de Marechal Cândido Rondon - PR e Bacharel em Administração. Pesquisa sobre Sexualidade Humana. 2013.

ZAGO, Luis Henrique. **O método dialético e a análise do real**. Kriterion [online]. 2013, vol.54, n.127, pp. 109-124.